

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

**Área Temática: Agro-Bioenergia
Período de Análise: março de 2010.**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da Abag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Revista Isto é Dinheiro Rural
Revista Globo Rural

Índice

| | |
|---|----------|
| AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL..... | 5 |
| Etanol..... | 5 |
| Usinas antecipam colheita de cana-de-açúcar - Brás Henrique – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 03/03/2010..... | 5 |
| 58 usinas mudam de mãos no Brasil - Eduardo Magossi e Gustavo Porto – Estado de São Paulo - Economia e Negócio – 07/03/2010..... | 6 |
| ‘Não pretendo sair do setor sucroalcooleiro’ – Entrevista com Maurílio Biagi Filho – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 07/03/2010..... | 8 |
| Bertin vai assumir controle da Infinity Bio-Energy – Alexandre Calais – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 10/03/2010..... | 9 |
| Resíduos viram Lucrativa biomassa – Leandro Costa – Estado de São Paulo – Caderno Agrícola – 10/03/2010..... | 10 |
| Álcool volta a ser vantagem no Estado – Cirilo Junior – Folha de São Paulo – Dinheiro – 13/03/2010..... | 11 |
| Etanol volta a ser vantajoso em SP e no Paraná – Eduardo Magossi - Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 13/03/2010..... | 12 |
| Uniduto quer reduzir custo de transporte do álcool em 40% - Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 13/03/2010..... | 13 |
| Usina e produtor iniciam safra com prejuízo – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – 16/03/2010..... | 14 |
| Consumidor já paga menos pelo álcool – Mauro Zanatta - Folha de São Paulo – Dinheiro – 16/03/2010..... | 15 |
| Usar etanol passa a ser vantajoso em 4 Estados – Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 20/03/2010..... | 16 |
| País pode ser líder em biocombustível – Herton Escobar – Estado de São Paulo – Vida & - 21/03/2010..... | 16 |
| Apesar da mecanização, usinas contratam – Herton Escobar – Estado de São Paulo – Economia – 28/03/2010..... | 18 |
| Bertin compra 71% da Infinity Bio-Energy – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/03/2010..... | 20 |
| Grupo francês terá base mundial no Brasil – Agnaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/03/2010..... | 20 |
| Antecipação da safra derruba álcool no país – Valor Econômico – Agronegócios – 01/03/2010..... | 21 |
| Preço do etanol ainda não cai ao consumidor – Valor Econômico – Brasil – 02/03/2010..... | 23 |
| Grandes grupos de olho na paulista Mandu – Valor econômico – Agronegócios – 02/03/2010..... | 23 |
| Alcoolduto da PMCC, liderada pela Petrobras, atrai empresas – Francisco Góes – Valor Econômico – Agronegócios – 11/03/2010..... | 24 |
| Mercado de açúcar de olho no Brasil – Fabiana Batista – Valor Econômico - Agronegócios – 15/03/2010..... | 26 |
| Europeus questionam uso de biocombustíveis – Assis Moreira – Valor Econômico – Agronegócios – 15/03/2010..... | 30 |
| Etanol já está vantajoso em quatro Estados – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 16/03/2010..... | 31 |
| Cenário favorece o fortalecimento de usinas em recuperação judicial – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 18/03/2010..... | 32 |

| | |
|---|-----------|
| Ativos tornam-se boas oportunidades de compra – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 18/03/2010..... | 34 |
| Guarani sai da SCA e negocia com Copersucar – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 18/03/2010..... | 35 |
| Negócios com usinas este ano devem superar 2008 – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 23/03/2010..... | 36 |
| Para Unica, empresas estrangeiras fortalecem setor de açúcar e etanol – Valor Econômico – Agronegócios – 24/03/2010..... | 37 |
| Tereos acirra disputa entre os grandes em açúcar e álcool – Fatima Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 30/03/2010 | 38 |
| Grupos estrangeiros avançam em MG – Valor Econômico – Agronegócios – 30/03/2010 | 40 |
| São Martinho expandirá usina em GO – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 30/03/2010..... | 41 |
| Biodiesel | 42 |
| Brasil Ecodiesel tem prejuízo reduzido para R\$ 88,49 mi – Eduardo Rodrigues - Folha de São Paulo – Dinheiro – 24/03/2010..... | 42 |
| Mais biodiesel – Valor econômico – Agronegócios – 02/03/2010 | 42 |
| POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS | 44 |
| Etanol | 44 |
| CPFL investeem biomassa para geração de energia – Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 12/03/2010..... | 44 |
| Álcool recua e volta a ser competitivo em SP – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – 08/03/2010..... | 45 |
| Energia limpa não pode ser só retórica, afirma especialista – Folha de São Paulo – Ciência – 20/03/2010..... | 46 |
| Ritmo de recuo do álcool é menor nas usinas e maior nos postos – Mauro Zafalon – Estado de São Paulo – Dinheiro – 20/03/2010 | 47 |
| Usina quer volta de 25% de álcool na gasolina – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro- 30/03/2010 | 48 |
| Japoneses voltam a discutir mistura de 10% de etanol – Valor econômico – Agronegócios – 002/03/2010 | 49 |
| Dilma defende capital nacional no etanol – Ana Paula Grabois e Vandson Lima – Valor Econômico – Política – 11/03/2010 | 50 |
| Energia solar no Brasil – Paulo Henrique Assis Feitos – Valor Econômico – Opinião – 24/03/2010..... | 52 |
| Biodiesel | 54 |
| Brasil Ecodiesel perde selo social e espaço em leilões da ANP - Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 06/03/2010 | 54 |
| Experiências com oleaginosas são apresentadas – MDA - 25/03/2010 | 55 |
| MDA suspende selo social de empresas – Alexandre Inácio – Valor Econômico – Agronegócios – 08/03/2010..... | 56 |
| RELAÇÕES INTERNACIONAIS | 58 |
| Etanol | 58 |
| Etanol brasileiro é aprovado por agência dos EUA - Renée Pereira e Raquel Landim – Estado de São Paulo – economia e Negócios – 04/03/2010..... | 58 |
| UE vê etanol brasileiro como solução – Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia - 26/03/2010 | 59 |
| Bateria em teste promete limpar matriz energética – Ricardo Miotto – folha de São Paulo – Ciência – 13/03/2010 | 60 |

| | |
|---|----|
| Brasil é o 6º maior investidor na área de energia renovável – Natália Paiva – Folha de São Paulo – Dinheiro – 27/03/2010..... | 61 |
| Termelétrica vai dominar nova oferta – Folha de São Paulo – Dinheiro – 27/03/2010 | 62 |
| EUA tentam renovar tarifa sobre álcool de cana brasileiro – Folha de São Paulo – Dinheiro – 27/03/2010 | 62 |
| EUA criticam cultivo de cana no Brasil em relatório sobre direitos humanos – O Globo – Economia – 13/03/2010..... | 63 |
| O etanol e a diplomacia – André Amado – Valor Econômico – Opinião – 15/03/2010 | 65 |
| Produção mundial deve dobrar ao longo deste ano, projeta AIE – Assis Moreira - Valor Econômico – Agronegócios – 15/03/2010..... | 67 |
| Estudo apoia o uso de etanol na Europa – Assis Moreira – Valor Econômico – Agronegócios – 26/03/2010..... | 68 |
| Até os ruralistas da UE aprovam o etanol – Assis Moreira – Valor Econômico – Agronegócios – 30/03/2010..... | 69 |

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Etanol

Usinas antecipam colheita de cana-de-açúcar - Brás Henrique – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 03/03/2010

A colheita da safra de cana-de-açúcar 2010/2011, que deverá ser a mais longa da história, começou ontem nas Usinas Lins e Batatais. Ambas anteciparam sua safra, enquanto a maioria deverá começar só no dia 15.

Juntas, as duas usinas deverão moer 5,660 milhões de toneladas de cana.

“Os canaviais estão muito bons e tem muita cana para cortar, pois a chuva segurou para todas as usinas em 2009”, diz o presidente das Usinas Batatais e Lins, Bernardo Biagi. Segundo o empresário, as duas usinas deverão fechar a safra em 20 de dezembro.

E, com preços melhores tanto para o álcool quanto para o açúcar, os usineiros esperam uma boa safra, enquanto os consumidores, proprietários de veículos, ficam na expectativa de que o preço do etanol (álcool hidratado) diminua nas bombas dos postos.

“Tudo indica que deverá cair, como nos últimos anos”, diz Oswaldo Manaia, presidente regional de Ribeirão Preto do Sindicato do Comércio Varejista de Derivados de Petróleo do Estado de São Paulo (Sincopetro).

O preço chegou a R\$ 1,89 por litro no início do ano e hoje varia entre R\$ 1,60 e R\$ 1,70.

“Agora os preços de nossos produtos melhoraram, depois de um prejuízo durante 26 meses seguidos, até a metade de 2009”, comenta Biagi, acreditando que o reflexo da queda de preço para o consumidor será progressivo, à medida que a nova colheita seja processada.

A Usina Lins, com 25 mil hectares de cana, que só produz álcool hidratado, vai moer 1,910 milhão de toneladas, 16% mais que na safra anterior (1,652 milhões).

A produção de álcool deverá atingir 162 milhões de litros, ou seja, 24% mais que no ano passado (131 milhões). Essa unidade terá 1 mil funcionários na safra iniciada, superando os 880 da anterior.

A Usina Batatais, com 50 mil hectares, vai moer 3,750 milhões de toneladas de cana, 6% mais que as 3,550 milhões de toneladas de 2009. A unidade, que manterá os 2.100 funcionários da safra passada, terá aumento de 10% na produção de açúcar (passando de 5,040 milhões de sacos de 50 quilos para 5,555 milhões) e 8% na de álcool anidro (141 milhões de litros, ante 130 milhões da anterior).

Biagi cita ainda que a mecanização da colheita passa de 99% para 100% em Lins e de 84% para 87% em Batatais. Atingir os 100% de mecanização em Batatais deverá durar três ou quatro anos, avisa Biagi.

A crise financeira mundial e os preços baixos nos setores dificultaram os investimentos dos usineiros na safra anterior, que ainda enfrentou o excesso de chuva no segundo semestre. Isso atrapalhou a

colheita de cana e a produção de etanol, gerando um cenário atípico. “Não foi legal para o produtor nem para o consumidor”, afirma Biagi.

Com a explosão de vendas de carros flex, o consumo de etanol aumentou, mas a colheita foi insuficiente, por causa das chuvas. Consequentemente, o preço na bomba subiu, principalmente entre janeiro e fevereiro, forçando os donos de carros flex a partir para o consumo de gasolina.

Biagi cita que a Usina Lins deixou de moer 300 mil toneladas em 2009, enquanto na Batatais esse número ficou entre 700 mil e 800 mil toneladas. “O normal seria zerar ou, no máximo, deixar uns 10% para a safra seguinte, como é o nosso caso, pois começamos a safra muito cedo”, diz Biagi.

“A maioria das usinas vai começar a colheita em meados de março e essas (Lins e Batatais) são exceções”, diz o representante da União da Indústria de Cana-de-açúcar (Unica) na região de Ribeirão Preto, Sérgio Prado. Segundo ele, a projeção de safra deverá ser divulgada pela entidade em abril. Sobre o possível reflexo do início da colheita nos preços de etanol nas bombas, Prado informa que há cinco semanas já tem ocorrido queda de preço de vendas das usinas às distribuidoras. “Agora vamos ver o novo comportamento de preços no mercado”, comenta Prado.

58 usinas mudam de mãos no Brasil - Eduardo Magossi e Gustavo Porto – Estado de São Paulo - Economia e Negócio – 07/03/2010

O Grupo Cerradinho, dono de duas usinas de açúcar e álcool em São Paulo e uma em Goiás, procura um sócio. Precisa de um parceiro disposto a injetar dinheiro na empresa para diminuir sua dívida. Para se tornar um dos grandes do setor, o grupo se endividou justamente em um momento de preços baixos, entre 2007 e 2009, agravado pela crise de crédito que varreu o mundo. Foi preciso recorrer ao Santander, ao Citibank e a outros nove bancos para renegociar um passivo de curto prazo de R\$ 450 milhões, de um total de R\$ 1,1 bilhão.

Como contrapartida, as duas instituições financeiras que lideraram a reestruturação ficaram com a parte de vender parte do grupo a um sócio estratégico.

Com isso, a empresa, fundada nos anos 70 pelo empresário José Fernandes, em Catanduva (SP), tornou-se um dos alvos mais recentes da onda de fusões e aquisições do setor.

Nos últimos três anos, houve uma média de 1,52 operações desse tipo por mês no País. Foram 58 operações envolvendo mais de 100 das cerca de 400 usinas de açúcar, álcool e bioeletricidade brasileiras. Famílias como Biagi, Junqueira e Rezende Barbosa, até então sinônimos de usineiros, fizeram apostas erradas na crise, enfrentaram dificuldades e viraram acionistas minoritários de grandes companhias.

Mas a intenção dos Fernandes, do Grupo Cerradinho, é trilhar um caminho diferente do dos outros clans. “Sempre fomos uma empresa familiar que cresceu com alavancagem. Agora, buscamos um parceiro minoritário para participar do processo de consolidação e crescimento do grupo”, disse Luciano Sanches Fernandes, presidente da companhia. Depois da reestruturação financeira e da negociação de parte da companhia, vender ações na Bolsa deverá ser o próximo passo do grupo.

O caso dos Fernandes é um exemplo da mudança no movimento de consolidação do setor.

Na primeira onda, valeu a lógica da aquisição oportunista:

Usinas vendidas a preços baixos porque estavam com a corda na pescococa, atoladas em problemas financeiros, amplificadas pela crise de liquidez. Agora, a consolidação passa a ser amparada na mais nas oportunidades criadas pela crise, mas nas parcerias estratégicas.

Os preços baixos ficaram para trás. Se no pior momento da crise econômica o valor pagopelas usinas chegou a US\$ 40 por tonelada de capacidade de moagem de cana-de-acúcar, hoje já supera os US\$ 100. A alta do açúcar nos últimos meses aumentou a receita das empresas e, com mais dinheiro no caixa, elas ganharam fôlego. Elas não precisam ser vendidas com tanta urgência. O menor número de usinas disponíveis para serem compradas também ajudou a aumentar o valor das empresas.

Para o presidente do Grupo São Martinho, Fábio Venturelli, a fusão entre a Cosan, maior companhia sucroalcooleira do País, e a Shell, uma das maiores petrolíferas do mundo, dá sinais do que há por vir. “Essa associação foi a primeira operação de consolidação genuinamente estratégica do setor”, afirma Venturelli.

Para o executivo, o negócio, com valor estimado em US\$ 12 bilhões, foi a primeira em que “um mais um somo cinco”. “Os ganhos estratégicos são claros e apontam para o futuro onde o etanol ganhará importância mundial como combustível renovável”, explica.

A própria São Martinho não ficou de fora e se associou a empresa de biotecnologia Amyris para a fabricação de produtos químicos com uso de cana-de-acúcar.

Na operação, a Amyris adquiriu 40% da Usina Boa Vista, em Goiás, por R\$ 140 milhões.

Foi também uma sinergia maior que levou a Usina Vertente a vender metade dos seus ativos para a Acúcar Guarani e rejeitar a proposta de compra da Bunge, no mês passado. As empresas estão separadas por apenas 40 quilômetros. “Até nossos fornecedores de cana são os mesmos. A associação foi realizada porque os ganhos são expressivos”, explica o presidente da Guarani, Jacyr Costa Filho.

As operações mostram que o mercado agora começa a realizar negociações de unidades isoladas, e não mais aquisições em grandes blocos. “Teremos incorporações menores, realizadas por multinacionais e grupos nacionais”, diz Luiz Carlos Correa Carvalho, diretor da Canaplan Consultoria.

Um dos alvos é a Usina Mandu, em Guaira (SP), comandada pela família Diniz Junqueira.

Entre os interessados estariam a Bunge, considerada favorita por ser a que pagaria mais e em dinheiro, o Grupo Alto Alegre, que não teria o cacife da multinacional, mas também tem capital para investir, além dos grupos Cosan e Guarani, que tentam a aquisição por meio da troca de ações.

Já o Grupo Virgolino de Oliveira, dono de quatro usinas em São Paulo, livrou-se de ser alvo para ajudar na consolidação. A companhia saiu do sufoco graças a um reprogramação de dívidas e a entrada em operação de novas usinas. Responsável por 10% da produção da Copersucar, maior trading do setor no

Pais, e com uma moagem de 11,6 milhões de toneladas de cana, o Virgolino de Oliveira deve expandir a sua produção para 14 milhões de toneladas.

GLOBAL

O interesse de grupos internacionais no Brasil – maior produtor e processador mundial de cana – é crescente. Em dois anos, o percentual do mercado nas mãos de capital estrangeiro passou de 15% para 25%. As tradings já marcaram posição: a Bunge adquiriu a Moema e a Louis Dreyfus comprou a Santelisa Vale. Nos últimos meses, Cargill, ADM e Nobel também fizeram investidas – sem sucesso – nesse mercado.

“Hoje, as tradings ganham apenas com a comercialização do açúcar, mas elas têm noção de que, se estiverem na produção, terão informações importantes sobre o custo de produção que vão ampliar os ganhos na fixação de preços”, afirma Eduardo Pereira de Carvalho, sócio da Expressão Gestão Empresarial.

Além das tradings, Carvalho aposta nas companhias de petróleo, cada vez mais presentes no setor, para puxar a consolidação.

Para ele, é evidente que a Petrobras deverá entrar no setor sucroalcooleiro por meio da ETH, que pertence à Odebrecht.

As relações entre Odebrecht e Petrobras são antigas e a Petrobras já está presente em outras empresas do grupo. A ETH será apenas uma extensão dessa relação”, disse. A British Petroleum, primeira petrolífera a entrar no setor, com usinas de etanol em Goiás, também deve investir ainda mais em combustíveis renováveis.

Para o sócio de agribusiness da Price Waterhouse Coopers, José Rezende, a consolidação no cenário mundial mal começou.

E, se as empresas brasileiras quiserem entrar na briga, terão de aumentar a profissionalização no setor. “Elas ainda estão focadas apenas no resultado econômico, enquanto as globalizadas já incorporaram a preocupação com a sustentabilidade ambiental e social, fundamental neste mercado.”

‘Não pretendo sair do setor sucroalcooleiro’ – Entrevista com Maurílio Biagi Filho
– Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 07/03/2010

Antes mesmo que secasse a tinta da caneta usada para assinar o contrato que lhe deu 2,5% das ações da gigante do agribusiness mundial Bunge Limited, o empresário Maurílio Biagi Filho diz estar pronto para novos projetos. Avaliadas em cerca de US\$ 350 milhões, as ações da Bunge foram recebidas em troca da participação de Biagi no Grupo Moema, recém- absorvido pela multinacional.

“Estou aberto a tudo.” Fazer e desfazer negócios e sociedades são uma constante na vida de Biagi. Apenas no setor sucroalcooleiro, ele já assumiu e se desfez de participações na Companhia Energética Santa Elisa, na Central Energética do Vale do Sapucaí (Cevasa) e na Usina Paraíso, entre outras. A seguir, os principais trechos da entrevista:

A compra do Grupo Moema pela Bunge elevou a participação de multinacionais no setor sucroalcooleiro. O senhor vê este movimento de forma positiva?

Isso é muito bom! As empresas que estão chegando são sólidas.

E o setor precisa constantemente de capital, o que significa que não haverá muita remessa de lucros. Mais recursos serão reinvestidos no Brasil.

E bom lembrar também que, se estes estrangeiros estão vindo para cá – veja o caso das petrolíferas Shell e da BP, por exemplo –, e porque elas acreditam que o etanol de cana é um mercado que vai crescer muito, apesar do desenvolvimento de novas tecnologias, como os biocombustíveis de segunda geração.

O sr. manterá alguma ligação com a Bunge?

Não, não fui convidado. Na verdade, estou me inteirando do que é realmente a Bunge como empresa apenas agora. Achei positiva a decisão da empresa de vender seus ativos em Minas e produção de fertilizantes no Brasil. Neste momento, acredito que manterei as ações. O contrato prevê que eu tenho um prazo de 18 meses para me desfazer totalmente desses papéis. (Ao contrário de alguns executivos do Grupo Moema que permaneceram na Bunge após a compra, Biagi limpou as gavetas e não apareceu mais na sede da usina Moema, em Orindiuva, no interior de São Paulo, depois do contrato assinado).

Então não ficou nenhuma ligação com a Bunge?

A única ligação que teremos com a Bunge é que não vendemos as terras, apenas a parte industrial. Então, temos um contrato de venda de cana-de-açúcar para a Bunge de longo prazo, 15 anos. Nesse período, vamos fornecer a cana-de-açúcar que as usinas precisam.

O que sr. pretende fazer?

Estou aberto a tudo. Não pretendo sair do setor sucroalcooleiro.

Tenho uma pequena participação em uma usina em Minas Gerais, a Aroeira, em Tupaciguara, e estou estudando algumas propostas, como a construção de uma usina de açúcar no México. Além disso, existe trabalho também fora do setor. O Eike Batista quer conversar comigo sobre alguns projetos.

O Eike Batista? Algum projeto especial?

Sim, ele tem grande simpatia pelo setor de biocombustíveis.

Existem várias negociações em andamento. Além disso, fui convidado para integrar o conselho de administração da empresa argentina Impsa, que produz energia eólica. Tenho interesse em energia renovável em razão da importância que ela terá no futuro próximo e do papel que a cana vai ocupar nesse negócio. Não acho que essa produção de plástico verde vá vingar, contudo. Mas a cana como produtora de energia de biomassa é uma história que ainda está no começo.

Não pretendo me aposentar e o setor de energia me atrai bastante. Não tenho hobby, gosto de trabalhar. Nos fins de semana fico agoniado por não vir para o escritório. E, às vezes, venho e tiro a folga dos meus auxiliares.

Por que acha que muita gente diz que o senhor é louco?

Louco? Não acredito que me achem louco. Eu conheço muita gente que tem inveja, ciúmes, porque sempre fui independente e falo o que eu penso.

São os “antimaurilios”. Assim como Gandhi, eu penso, digo e faço apenas aquilo em que acredito. E isso gera atritos.

Bertin vai assumir controle da Infinity Bio-Energy – Alexandre Calais – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 10/03/2010

O Grupo Bertin vai assumir o controle da produtora de açúcar e álcool Infinity Bio-Energy Brasil, que está em recuperação judicial. O acordo, assinado há alguns dias, deve ser divulgado hoje. A Infinity tem atualmente cinco usinas em operação, e sua dívida supera os R\$

700 milhões. O plano de recuperação judicial da empresa, aprovado em dezembro, já previa a entrada de novos sócios ou a venda de ativos.

O Bertin fundiu no ano passado suas operações de alimentos e lácteos com a JBS Friboi, criando a maior empresa de carnes do mundo. Mas manteve algumas operações separadas, como a área de biodiesel, a de construção e a de infraestrutura.

Com a Infinity, a produção de álcool ganha mais força dentro do grupo, que já é sócio da Usina São Fernando, em Mato Grosso do Sul.

No final de fevereiro, a Agência Estado informou que a Infinity preparava um aumento de capital de R\$ 180 milhões, operação que seria avaliada em uma assembleia geral extraordinária de acionistas marcada para 22 de março. Os R\$ 180 milhões de aumento de capital correspondem exatamente ao valor líquido que a companhia pretendia receber pela venda da Usina Naviraí (Usinavi), em Mato Grosso do Sul, ou ainda a ser obtido por meio de um empréstimo, pelo qual a usina seria dada como garantia. A Usinavi foi a única das cinco usinas controladas pela Infinity que não foi dada como garantia aos credores que aprovaram o plano de recuperação.

A usina tem capacidade de moagem de 3,2 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, é a maior unidade industrial da Infinity no País e foi a primeira adquirida pela companhia, em setembro de 2006. Antes mesmo da aprovação da recuperação judicial, a Infinity já negociava a venda da usina.

POLO

Além da Usina Naviraí, a Infinity criou um polo nas divisas de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo, com três unidades em operação – Alcana, Cridasae Disa – e ainda possuía Usina Paraíso, em São Sebastião do Paraíso, no Sul de Minas.

O plano de recuperação judicial previa, além de uma reestruturação e da venda de ativos, o pagamento de dívidas de valores iguais ou inferiores a R\$ 1,5 mil logo após a homologação do acordo. Os credores com garantias reais serão pagos em dez anos, como desembolso previsto para começar cinco anos após a homologação judicial. Os credores trabalhistas devem ser pagos em até um ano. Para os credores que não possuem garantias está previsto um desconto de 50% no valor de seus créditos e opção pelo recebimento em dez anos e meio, ou em cronograma de pagamentos mensais.

Resíduos viram Lucrativa biomassa – Leandro Costa – Estado de São Paulo – Caderno Agrícola – 10/03/2010

Antes vistos como sobras inconvenientes das lavouras e causadores de problemas ambientais, os resíduos de culturas como a cana-de-açúcar e arroz têm ganhado importância e mercado. À medida que mais empresas investem na mudança de matriz energética, deixando de lado o queimado de combustíveis fósseis para aquecer caldeiras, a procura por biomassa como o bagaço da cana e as cascas de arroz e de amendoim, só tem crescido.

No setor sucroalcooleiro, o aproveitamento do bagaço de cana é feito há pelo menos duas décadas. Até os anos 1990, o resíduo da moagem da cana era um problema. Até que as usinas passaram a substituir as caldeiras que usavam diesel como combustível por caldeiras movidas a biomassa. Hoje, o bagaço da cana é o principal insumo para garantir a autossuficiência energética das usinas, que vendem, inclusive, o excedente de energia

produzido, por meio da cogeração.

OUTRAS INDÚSTRIAS

Mas o uso bagaço de cana não fica restrito às usinas sucroalcooleiras.

Eletambéméconsumido por indústrias como a de suco de laranja. “Boa parte do bagaço que não queimamos na nossa unidade de Pradópolis é vendida para a Citrosuco, de Matão, e para a Cutrale, de Araraquara (SP)”, diz o diretor financeiro da Usina São Martinho, João Carvalho do Val. A empresa vende bagaço há cerca de dez anos e comercializa, em média, 450 mil toneladas da biomassa por safra. Outra empresa que vende o excedente de bagaço é a Cosan, o maior grupo sucroalcooleiro do País. Segundo explica o presidente da unidade de Açúcar Álcool da empresa, Pedro Mizutani, o volume não é tão expressivo já que, quando as usinas da Cosan foram projetadas, já era previsto que uma boa parte do bagaço nas caldeiras.

Os setores de citros também é o principal comprador do excedente da Cosan.

O preço por tonelada da biomassa varia, segundo o assessor de Bioeletricidade da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica), Zilmar de Souza, porque o frete influencia muito. Descontando o fator logístico, ele estima valores entre R\$ 5 e R\$ 30 por tonelada para o bagaço de cana.

Na Região Sul, outro resíduo que tem dado lucro é a casca de arroz. “Nas décadas de 1980 e 90 era um resíduo problemático. Como os engenhos ficavam próximos das cidades, a casca de arroz, pela sua baixa densidade, era levada pelo vento e, quando chovia, entupia os bueiros. Além disso, se jogada em aterros, gerava o gás metano quando se decompunha e passava a ser vista do ponto de vista ambiental”, diz o consultor técnico do Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga), Gilberto Amato.

APROVEITAMENTO TOTAL

Hoje, esse cenário mudou. Segundo Amato, a casca de arroz é quase totalmente aproveitada. Segundo estimativas do Irga, são quase 2 milhões de toneladas da biomassa produzidas por safra. “Boa parte das indústrias cerâmicas ao longo da BR-101 compra a casca de arroz para abastecer caldeiras.”

Amato diz ainda que um grupo europeu pretende montar uma indústria de geração de energia abastecida só com casca de arroz. “Eles querem firmar contratos longos com os produtores da região para adquirir a casca do arroz.”

A AmBev de Viamão (RS) usa, desde 2006, a casca de arroz como combustível. Segundo o diretor de Sustentabilidade, Sandro Bassili, foram investidos R\$ 4,7 milhões para mudar a matriz energética. “Contando com as outras unidades que já estão operando com biomassa,

já investimos R\$ 18 milhões.

Também usamos casca de coco, no Nordeste”, diz. Hoje, 32% do calor gerado pelas caldeiras da empresa em todo o País vem da biomassa. Por isso, desde 2007 a empresa já obteve autorização para negociar os créditos de carbono gerados pela mudança na matriz energética.

Álcool volta a ser vantagem no Estado – Cirilo Junior – Folha de São Paulo – dinheiro – 13/03/2010

Litro fica 5,4% mais barato em SP e sai por R\$ 1,687 em média, diz ANP

Álcool é economicamente vantajoso se custar até 70% do litro da gasolina; em SP, relação era de 68% na semana passada

Abastecer com álcool em São Paulo voltou a ser vantajoso, de acordo com pesquisa semanal de preços da ANP (Agência Nacional do Petróleo) feita em mais de 2.300 postos em todo o Estado. O litro do combustível ficou 5,44% mais barato nesta semana, sendo encontrado, em média, por R\$ 1,687. Pela primeira vez desde janeiro, a opção pelo álcool se torna viável em termos de economicidade, na comparação com a gasolina. Na semana passada, o álcool já havia recuperado a vantagem sobre a gasolina na cidade de São Paulo, conforme reportagem publicada pela **Folha** na segunda-feira. No Estado, o litro da gasolina teve recuo de 1,28%, passando a custar R\$ 2,466 médios.

De acordo com o poder calorífero de cada combustível, o álcool é economicamente vantajoso se custar até 70% do litro da gasolina. Hoje, nos postos de São Paulo, o preço do litro do álcool representa 68% do valor cobrado pela gasolina. Em um mês, o preço do litro do álcool caiu 8,56% nos postos do Estado de São Paulo, influenciado pela redução da demanda pelo produto, depois que o governo reduziu o percentual de álcool anidro misturado à gasolina -de 25% para 20%. Essa medida foi definida em razão da escalada do preço do álcool, ocasionada pelo maior uso da cana-de-açúcar para a produção de açúcar, e da queda de produtividade das lavouras, afetadas pelas fortes chuvas do início do ano. O consumo do chamado álcool puro também havia perdido espaço, nos últimos meses, para a gasolina. Diante dos preços mais altos do combustível renovável, muitos consumidores que têm carros bicompostíveis passaram a optar pela gasolina. De acordo com a própria ANP, o consumo de álcool teve queda de 25% de dezembro para janeiro. Em todo o país, usar álcool sai mais em conta do que a gasolina apenas no Paraná, em Goiás e em Mato Grosso, além de São Paulo.

Etanol volta a ser vantajoso em SP e no Paraná – Eduardo Magossi - Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 13/03/2010

O etanol combustível voltou a ser vantajoso nos Estados de São Paulo e Paraná no tanque dos carros flex, depois de recuar 5,43% em São Paulo e 4,88% no Paraná, de acordo com dados da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis(ANP), compilados pelo AE-Taxas, referentes à semana terminada em 12 de março. O combustível também continua vantajoso nos Estados de Mato Grosso e Goiás,

Em 22 Estados e no Distrito Federal, a gasolina segue competitiva no bolso no consumidor.

O Estado de São Paulo, que concentra mais de 50% do consumo de álcool combustível, voltou a apresentar maior competitividade para o etanol, após dois meses de melhores preços para a gasolina, na média dos preços compilados pela ANP.

Considerando o preço médio da gasolina de R\$ 2,466 por litro no Estado de São Paulo, o etanol hidratado é competitivo na região a R\$ 1,7262, na média da ANP, o preço em São Paulo ficou em R\$ 1,687 por litro, 2,3 %

abaixo do ponto de equilíbrio entre gasolina e etanol.

Atualmente, o etanol permanece vantajoso em Mato Grosso, Goiás, Paraná e São Paulo. A vantagem é calculada considerando que o poder calorífico do motor a álcool é de 70% do poder nos motores a gasolina. No cálculo, são utilizados valores médios coletados em postos em todos os Estados e no Distrito Federal. O preço do etanol recuou em 15 Estados e subiu em 12 Estados e no Distrito Federal, os mesmos onde a gasolina está mais vantajosa. As maiores altas ocorreram no Rio Grande do Norte (2,8%), Maranhão (1,95%) e Alagoas (0,60%).

Segundo o levantamento, em Goiás o etanol está em 65,64% do preço da gasolina, e em Mato Grosso a relação é de 67,15%. Em São Paulo, a relação é de 68,41% e no Paraná, de 68,82%. A gasolina está mais vantajosa principalmente no Amazonas (preço do etanol é 90,42% do valor da gasolina), Rio Grande do Sul (89,57%), Maranhão (86,06%) e Espírito Santo (85,14%).

Segundo a ANP, na média do Brasil o preço do etanol ficou em R\$1,907 na semana terminada em 12 de março, ante R\$1,961 na semana anterior. Em relação à média do preço da gasolina no País, que foi de R\$ 2,59 por litro, o preço do etanol está 4,9% acima do ponto de equilíbrio com o da gasolina, o que torna a gasolina mais competitiva no preço médio.

Uniduto quer reduzir custo de transporte do álcool em 40% - Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 13/03/2010

A Uniduto – empresa criada por um consórcio de produtores de álcool para construir um alcoolduto ligando o interior de São Paulo ao Porto de Santos – deve apresentar o projeto da obra aos acionistas em meados de maio. Segundo o presidente da empresa, Sérgio Van Klaveren, o projeto, que é elaborado desde 2008, aponta para uma economia média entre 30% a 40% no transporte de etanol pelo duto em relação ao transporte rodoviário.

“A economia é maior à medida que o trajeto utilizado aumenta.

Se os serviços portuários da Uniduto também forem utilizados, essa redução de custo poderá ser ainda maior”, disse.

Segundo ele, essa redução foi calculada quilômetro a quilômetro para percursos acima de 100 km de distância. “Abaixo dessa distância, o duto não é competitivo.”

Depois da apresentação para os acionistas, se o projeto for aprovado, a empresa sairá em roadshow, organizado pelo Itaú BBA, entre junho e julho em busca de investidores. Hoje a Uniduto tem como acionistas doze grandes grupos do setor sucroalcooleiro detentores de cerca de 90 usinas responsáveis por um terço da produção brasileira de etanol. Os principais são Cosan, Copersucar e Crystalsev, cada um com participação de 26,17%.

Orçado em US\$ 1,2 bilhão, o projeto prevê um alcoolduto de 600 quilômetros ligando Sertãozinho (SP) até o Porto de Santos. As obras devem começar entre o fim de 2010 e início de 2011. A previsão é de que o duto, com capacidade de transportar 17,5 bilhões de litros de etanol por ano, entre em operação em 2012. O executivo informa que poderão existir entre quatro e 14 frentes de trabalho operando ao mesmo tempo. “É uma capacidade bem superior ao produzido pelos acionistas, que gira em torno de nove bilhões de litros.”

A empresa está trabalhando com a operadora logística Embridge, do Canadá,

que já possui experiência na operação de mais de 86 mil quilômetros de dutos e presta consultoria na realização do projeto. “No futuro, é possível que a Embridge acaberealizandoa parte operacional dos dutos, como empresa terceirizada.” O executivo diz que a compra das terras já está praticamente concluída. Do total orçado, R\$ 114 milhões já foram investidos nesta primeira fase – metade aportada pelos acionistas. O duto passará por 47 municípios e terá quatro bases de coleta, em Botucatu, Anhembi, Serrana e Santa Bárbara D’Oeste. O desembarque será em Paulínia, Caieiras e Guarujá, onde será construído um porto “offshore” a seis quilômetros da costa.

Do total a ser investido, 70% serão captados no mercado financeiro, como dívida, e 30% virão de ações, com recursos aportados tanto pelos acionistas como também por um investidor estratégico. “Estamos procurando um investidor que tenha um perfil de longo prazo, como alguns fundos que investem em infraestrutura.” A empresa também vai apresentar o projeto para captação de recursos no Banco de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

REDUNDÂNCIAS

Van Klaveren admite que o projeto possui áreas em comum com outros projetos de dutos apresentados pela PMCC, onde a Petrobrás possui participação, e pela Brenco, agora absorvida pela ETH. “Por exemplo, no trecho Ribeirão Preto-Paulínia, os três dutos percorrem o mesmo trecho”, disse. Para o executivo, essas “redundâncias” poderiam ser reduzidas.

Ele afirma que não há, no momento, nenhuma negociação de associação, mas que não seria lógico construir três trechos diferentes quando poderia haver uma sinergia. “À medida que os projetos forem executados, a Uniduto e os outros terão de fazer essa reflexão.” ●

Usina e produtor iniciam safra com prejuízo – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – 16/03/2010

Setor sucroenergético esperava recuperação de preços, mas cenário atual indica perda de renda para usinas e agricultores

Preço do álcool caiu 31% na porta das usinas desde meados de janeiro; açúcar perdeu um terço do valor em pouco mais de um mês

A esperança de aumento da safra de cana-de-açúcar acompanhado de um bom rendimento começa a ficar mais distante para usinas e produtores neste ano. A moagem cresce, principalmente devido à incorporação de novas usinas ao setor, mas a renda maior não deverá vir. Pelo menos no início de safra. Usinas e plantadores de cana podem iniciar a safra com prejuízo. O preço do álcool, que vinha com boa remuneração, despencou nas últimas semanas e caiu 31% na porta das usinas, desde meados de janeiro. O açúcar, que era negociado com bons preços na Bolsa de commodities de Nova York, perdeu um terço do valor em pouco mais de um mês. O cenário mudou. “Queda de preços no início de safra é normal, mas o setor está conseguindo revogar a lei da oferta e da procura nesta entressafra”, diz Antonio de Padua, diretor da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar). “Não há aumento na oferta, os preços caem e já apontam prejuízo”, diz ele. Padua se

refere aos mais recentes valores de comercialização divulgados pelo Cepea, da Esalq/USP, que indicam R\$ 0,8271 por litro para o álcool hidratado. O rendimento da cana é pequeno no momento e a produção de álcool deve atingir 65 litros por tonelada de cana -o normal é acima de 80 litros. Com R\$ 0,8271 por litro, o ganho para produtores de cana e usinas ficaria em R\$ 53,80 por tonelada. Desse valor, R\$ 33,40 pagariam a tonelada de cana. Só o custo dos produtores é de R\$ 51, diz Ismael Perina Junior, da Orplana. "Essa queda está assustando", diz ele. Essa mudança de cenário pode complicar ainda mais os produtores de cana, segundo Manoel Ortolan, presidente da Canaeste (Associação dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo). Os produtores de cana são remunerados com base nos preços finais do produto. A queda nos preços do álcool e do açúcar afeta diretamente o setor de produção. Na safra que se encerra, os produtores conseguiram cobrir apenas os custos operacionais, mas não os totais. "Esperávamos nesta safra uma melhora na rentabilidade."

Ainda remunera
Para Arnaldo Luiz Corrêa, gestor de riscos e diretor da Archer Consulting, os preços externos do açúcar ainda são remuneradores, o que pode não ocorrer com os do álcool, se continuarem em queda. A demanda internacional de açúcar ficou abaixo do que se esperava e, com isso, os preços recuaram de US\$ 0,30 por libra-peso (454 gramas) no início de fevereiro para os atuais US\$ 0,19. Mesmo assim, as usinas ainda conseguem R\$ 32 por saca, na média da safra 2010/ 11, preço superior ao do custo de produção, de R\$ 27,7. O álcool já está nos custos de produção, que é de R\$ 0,82 por litro, diz Corrêa. A queda do açúcar ocorreu porque se acreditava em demanda externa maior. Os indianos, grandes importadores, estão cautelosos, e o mercado é uma incógnita para os próximos meses.

Nova safra
A moagem de cana fica próxima de 600 milhões de toneladas na região centro-sul na safra 2010/11, mostra a consultoria FCStone. Se confirmado, esse volume superará em 12% o da safra que se encerra. Já a AgraFNP estima moagem de 584 milhões.

Consumidor já paga menos pelo álcool – Mauro Zanatta - Folha de São Paulo – Dinheiro – 16/03/2010

A queda nos preços do álcool na porta das usinas já começou a ser repassada para os consumidores, mas ainda lentamente. Pesquisa semanal da Folha mostra que, dos 31% de queda na usinas, 9,9% foram para as bombas nos postos paulistanos. Se a queda de preço continuar nas usinas, o álcool voltará a ser bastante favorável ao consumidor, como ocorreu em 2009. Mas, se as usinas não conseguirem elevar a armazenagem neste ano, as disparidades de preço entre o pico da safra e a entressafra vão continuar elevadas. Pode ser bom para o consumidor, mas difícil para as empresas, que acabam tendo a rentabilidade prejudicada, como ocorreu em 2009. O resultado foi uma concentração ainda maior no setor. (MZ)

Usar etanol passa a ser vantajoso em 4 Estados – Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 20/03/2010

Os preços do etanol hidratado nos postos recuaram 3,97% no Estado de São Paulo e 6,91% no Paraná, de acordo com dados coletados pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) na semana terminada em 19 de março. Com a nova queda de preços, aumentou a competitividade do etanol em relação à gasolina em alguns Estados.

Em Goiás, os preços registraram queda de 6,13% e no Rio de Janeiro, recuaram 5,81%. O preço médio no Estado de São Paulo ficou em R\$ 1,620 por litro (R\$ 1,687 na semana anterior). No Paraná, o preço médio ficou em R\$ 1,576 (R\$ 1,693 na semana anterior).

O preço do etanol recuou em 22 Estados e no Distrito Federal.

As cotações subiram em quatro Estados. A maior alta foi em Roraima: 0,70%.

São Paulo. Em São Paulo, que concentra mais de 50% do consumo de etanol, o combustível aumentou sua competitividade, na medida dos preços compilados pela ANP. Considerando o preço médio da gasolina de R\$ 2,464 por litro no Estado de São Paulo, o etanol hidratado é vantajoso na região até R\$ 1,7248 e, na média da ANP, o preço em São Paulo ficou em R\$ 1,62 por litro, 6% abaixo do equilíbrio entre gasolina e etanol.

Outros Estados. Atualmente, o etanol permanece vantajoso nos Estados de Mato Grosso, Goiás, Paraná e São Paulo. A vantagem é calculada considerando que o poder calorífico do motor a álcool de 70% do poder dos motores a gasolina.

No cálculo, são utilizados valores médios coletados em postos em todos os Estados e no Distrito Federal.

A gasolina é vantajosa em 20 Estados e no Distrito Federal.

Em Tocantins e Bahia, etanol e gasolina encontram equilíbrio financeiro.

Desde a semana de 16 de outubro de 2009, a gasolina passou a ser vantajosa em mais Estados do País que o etanol.

Segundo a ANP, na média do Brasil, o preço do etanol ficou em R\$ 1,838, ante R\$ 1,907 na semana anterior.

Em relação à média do preço da gasolina no País, que foi de R\$ 2,583 por litro, o preço do etanol está 1,6% acima do ponto de equilíbrio com o da gasolina.

Preço mínimo. O preço mínimo registrado para o etanol foi de R\$ 1,26 por litro no Estado de Paraná. O preço máximo foi de R\$ 2,99, no Acre.

Em Goiás, o preço do etanol está em 62,09% do preço da gasolina, no Paraná, a relação é de 65,04%, em São Paulo está em 65,75%, e em Mato Grosso em 67,29%. A gasolina é mais vantajosa principalmente no Amazonas, Rio Grande do Sul (86,51%), Acre (84,62%) e Piauí (84%).

País pode ser líder em biocombustível – Herton Escobar – Estado de São Paulo – Vida & - 21/03/2010

Pioneiro e líder tecnológico na produção de bioetanol extraído do caldo da cana-de-acúcar, o Brasil tem potencial para se tornar uma liderança no aproveitamento da celulose para fabricação de biocombustíveis – apesar de ter entrado um tanto atrasado nessa área. Quem diz é o pesquisador Lee Lynd, do Dartmouth College (EUA), que há 20 anos estuda maneiras de transformar material vegetal (biomassa) em combustível.

Segundo ele, “o Brasil é um lugar lógico para iniciar a aplicação comercial de etanol celulósico”, porque, além de bons cientistas, dispõe de boas terras, bom clima, muita biomassa e uma indústria competente.

Líder de um projeto internacional que busca estudar e incentivar o desenvolvimento sustentável dos biocombustíveis, o Global Sustainable Bioenergy Project (GSB), Lynd chega hoje ao Brasil para um encontro de três dias com pesquisadores latino-americanos. Será a terceira de uma série de cinco reuniões do GSB – uma em cada continente –, sediada na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Ao fim da última reunião, na África, Lynd conversou com o

Estado por e-mail.

- Quão próximos estamos de obter tecnologia economicamente viável para produzir etanol celulósico em larga escala?

Estou confiante de que já temos toda a tecnologia necessária para alguns tipos de biomassa. Para outros, ainda não, mas acho que chegaremos lá em breve.

Nos EUA, os investimentos em etanol celulósico aumentaram uma ordem de magnitude no período 2005-2007, tanto no setor privado quanto no público, o que nos permitiu avançar de maneira muito mais rápida.

Os resultados desse esforço já estão aparecendo.

- O problema, então, é de custo e não de tecnologia. Como resolver isso? Quais são os principais entraves nessa área?

Espera-se que a via mais barata para produzir biocombustíveis de origem celulósica seja a conversão de carboidratos da celulose em açúcares, seguida da fermentação desses açúcares em etanol. Só que o custo das enzimas que quebram a celulose em açúcares (chamadas celulasas) ainda é proibitivo. É possível desenvolver microrganismos que fermentam açúcar e produzem celulase ao mesmo tempo, permitindo que a celulose seja hidrolisada sem a adição de mais enzimas. Chamamos essa técnica de “bioprocessamento consolidado” ou CBP (*em inglês*). Se desenvolvermos um micróbio capaz de fazer isso, seria um avanço revolucionário no processamento de biomassa celulósica, tornando a produção de biocombustíveis economicamente viável.

- O Brasil é pioneiro na produção de etanol de caldo de cana, mas só recentemente começou a investir na pesquisa do etanol celulósico.

Isso poderá ser um problema para a indústria nacional de biocombustíveis no futuro?

Pelo contrário. Assim como ocorre com o refino do petróleo e a produção das commodities em geral, a economia dos biocombustíveis depende do custo da matéria-prima. Não só isso, mas o escalonamento e a sustentabilidade da produção dependem diretamente da produção de biomassa. Como o Brasil tem um dos melhores climas do mundo para a produção de biomassa, tem grande potencial para se tornar um líder na produção de biocombustíveis celulósicos. Em especial, por contar com a maior fonte já disponível de biomassa celulósica (*o bagaço da cana*) e uma indústria bem

estabelecida. Por tudo isso, o Brasil é um lugar lógico para iniciar a aplicação comercial de etanol celulósico.

- Qual a importância do etanol celulósico para o Brasil? Será que precisamos mesmo dele, visto que já nos viramos muito bem com o etanol da garapa?

O Brasil poderia extrair muito mais valor da cana-de-açúcar se fizer o aproveitamento da celulose. Seria bom para os produtores, bom para a economia, bom para o País e bom para o mundo, a medida que o carbono adquira valor de mercado. Enquanto que o desenvolvimento original da indústria de etanol no Brasil foi movido pela necessidade, e provável que a produção de biocombustíveis celulósicos seja movida pela oportunidade – o que seria, acho eu, um ímpeto bastante forte.

- Os biocombustíveis são mesmo uma ameaça à produção de comida e ao abastecimento de água ou isso é só um argumento sensacionalista inventado pela concorrência? Se é um problema real, como resolvê-lo?

Essa é uma pergunta muito polêmica e, embora eu ache que a pergunta seja simples, a resposta não é. Numa extrapolação futura, em que as tendências atuais se mantêm, a produção de comida e a disponibilidade de água serão um problema de qualquer maneira, e a produção de biocombustíveis poderia exacerbar esses problemas. Então, há uma legitimidade nessa preocupação que não pode ser descartada de imediato. No entanto, é importante notar duas coisas.

A primeira é que é possível produzir biocombustíveis sem ameaçar a produção de alimentos ou os recursos hídricos. A segunda é que não podemos chegar a um futuro sustentável e seguro se mantivermos as práticas que nos trouxeram a esse presente insustentável e inseguro.

Não há como chegar a um mundo sustentável sem inovação e sem transformação, e isso vale tanto para a bioenergia quanto para as outras fontes de energia renovável.

Apesar da mecanização, usinas contratam – Herton Escobar – Estado de São Paulo – Economia – 28/03/2010

Ao mesmo tempo que empregam mais máquinas, a indústria canavieira também está empregando mais gente. Mesmo com o aumento da mecanização, que já chegou a 50% das lavouras, o número de trabalhadores rurais vinculados ao setor sucroalcooleiro cresceu 39% no período de 2003 a 2008, segundo pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP).

A expectativa era de que a mecanização produzisse demissões em massa, já que cada colheitadeira substitui o trabalho de 80 cortadores. Mas isso ainda não ocorreu, segundo a economista Márcia Azanha de Moraes, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), responsável pelo estudo.

As razões para tal contradição, segundo ela, ainda carecem de um estudo mais aprofundado. Mas a suspeita mais óbvia é que o crescimento do setor nesse período foi tão grande que acabou compensando a perda de mão de obra na lavoura.

“Aumentou muito a área plantada, aumentou o número de usinas, e essas usinas precisaram contratar”, avalia o diretor da Cooperativa dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo (Coplacana), José Rodolfo Penatti. “A expansão mais do que neutralizou o efeito da mecanização”, reforçou o diretor executivo da União da Indústria

de Cana-de-Açúcar (Unica), Eduardo Leão de Sousa. Segundo ele, 115 usinas foram inauguradas nos últimos cinco anos.

A cana é a planta que mais gera empregos na agricultura brasileira: cerca de 1,2 milhão, pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), compilados por Márcia. Em 2008, segundo ela, havia 629 mil pessoas trabalhando com a lavoura de cana – mais do que com café (479 mil) e quase o mesmo que soja, milho, arroz, citros e mandioca, juntos (633 mil).

“É notável a capacidade de geração de emprego dessa cultura”, afirma Márcia. Outras 567 mil pessoas trabalham no ramo industrial da cana, ligados ao refino de açúcar e álcool. Se forem considerados apenas os empregos formais ligados à produção de bioetanol, esse número é de 465 mil trabalhadores – seis vezes mais do que empregados na indústria do petróleo (73 mil), segundo a pesquisadora. “Além de ser bom para o clima e bom para o ambiente, o etanol empregam mais gente e tem mais capilaridade”, avalia Márcia.

Os números foram apresentados por ela na semana passada, em uma reunião do Global Sustainable Bioenergy Project (GSB), um projeto internacional que discute a sustentabilidade dos biocombustíveis, na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Perspectiva. No longo prazo, porém, permanece a previsão de perda de empregos no setor. A estimativa da Unica é que 75% dos 150 mil cortadores de cana do Estado de São Paulo perderão o emprego na indústria canavieira e terão de ser transferidos para outras atividades. Os outros 25% deverão ser reabsorvidos pelo setor, após um processo de requalificação.

Ao mesmo tempo que uma colheitadeira substitui 80 cortadores, ela cria outros 20 postos de trabalho ligados à sua operação e manutenção, como mecânicos, eletricitas, soldadores e motoristas, aponta Sousa. “Há todo um aparato ligado a essas máquinas que também exige muita mão de obra”, diz.

No Estado de São Paulo, responsável por 60% da produção nacional de cana, o processo de mecanização é acelerado pela imposição de uma moratória gradual à queima de canaviais. Uma lei estadual exige o fim das queimadas até 2021, mas uma parceria voluntária entre o governo e a indústria, firmada em 2007, adiantou o prazo para 2014.

Ofogo, visto como prejudicial ao ambiente (pela produção de gases do efeito estufa, que contribuem para o aquecimento global) e à saúde das pessoas (pela poluição do ar que gera para as comunidades do entorno), é usado para queimar as folhas e facilitar o trabalho dos cortadores.

Sem isso, a colheita manual torna-se praticamente inviável. Já as máquinas colhem a cana “crua” mesmo, dispensando o uso do fogo.

Contraste regional. No Estado de São Paulo, cerca de 54% das lavouras já são mecanizadas, segundo as estatísticas da Unica.

Em 2007, eram apenas 34%. No Norte-Nordeste, o grau de mecanização é bem menor, mas, ainda assim, as contratações também aumentaram.

Segundo os dados do Pnad compilados por Márcia, o número de empregados nas lavouras de cana na região aumentou 12% entre 2004 e 2008, chegando a 274 mil trabalhadores. Na região Centro-Sul, o aumento foi de 43%, chegando a 355 mil trabalhadores em 2008.

Realocação de analfabetos é o maior desafio

A realocação dos funcionários que inevitavelmente perderão o emprego nos canaviais nos próximos anos (mais de 110 mil só em São Paulo) por causa da mecanização será uma tarefa difícil. A média de escolaridade dos cortadores é de 4,3 anos, segundo a pesquisadora Márcia Moraes, da Esalq-USP. O número está dentro da média nacional para o setor agrícola, mas há dentro dele um contingente de 120 mil analfabetos. “O grande desafio agora é o que fazer com essas pessoas”, diz Márcia. A União das Indústrias de Cana-de-Açúcar (Unica) iniciou este ano o Programa Renovação, com meta de requalificar 7 mil trabalhadores por ano.

Bertin compra 71% da Infinity Bio-Energy – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/03/2010

Motivo de interesse de várias empresas, a Infinity Bio-Energy, produtora de açúcar e álcool, vai para as mãos do grupo Bertin, que confirmou a aquisição de 71% do capital da empresa. Em recuperação judicial, a Infinity Bio-Energy buscava um investidor havia vários meses.

Já proprietário de uma usina de açúcar e de álcool em Dourados (MS), o Bertin quer focar ainda mais a atuação em infraestrutura e em energia renovável. Estrutura da dívida bem readequada e posicionamento geográfico das cinco usinas da Infinity foram fatores decisivos. A capacidade de moagem da Infinity é de 9,3 milhões de toneladas de cana por ano. As cinco usinas estão espalhadas por MG, ES, BA e MS. Neste ano, a empresa deve moer 6 milhões de toneladas.

Grupo francês terá base mundial no Brasil – Aginaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/03/2010

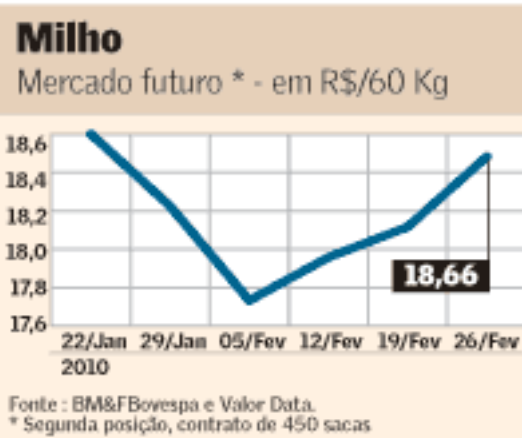
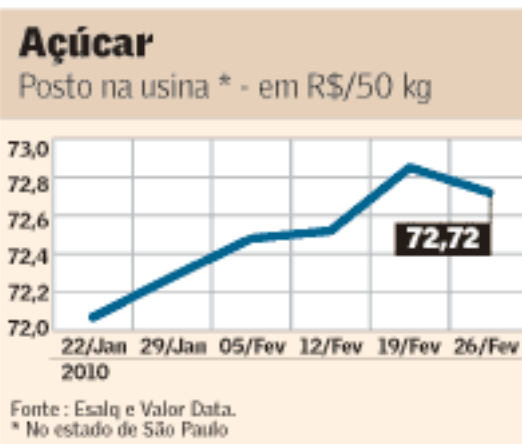
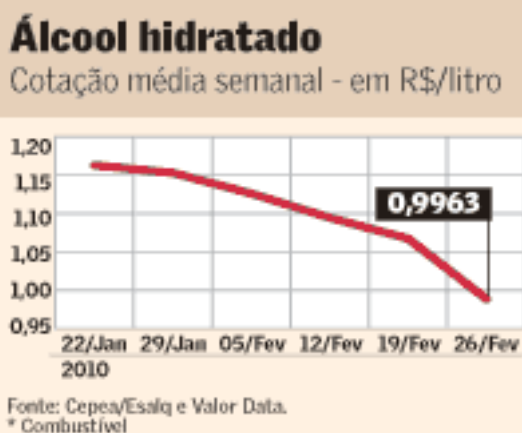
Minoritários da Açúcar Guarani poderão trocar as ações pelos papéis emitidos pela Tereos Internacional

O grupo francês Tereos, controlador da Açúcar Guarani S.A. -quarta mais processadora de cana-de-açúcar do país- abrirá o capital no Brasil e montará a sede mundial da organização em São Paulo. Além de produtor de açúcar e de álcool no Brasil, na África e na Europa, o grupo é processador de cereais. Aos acionistas minoritários da Guarani, serão ofertadas ações da Tereos Internacional S.A. As ações da Tereos Internacional serão listadas na BM&FBovespa. Até o fim de maio, um comitê independente apresentará o valor de troca dos papéis. Segundo informação do diretor financeiro do grupo Tereos, Alexis Duval, os minoritários que não aceitarem a troca de ações terão a opção de vender seus papéis pelo valor patrimonial de R\$ 4 por ação. Ontem, a cotação da ação ON da Guarani fechou em R\$ 4,87, com alta de 0,83%. A operação segue tendência de reorganização do setor de açúcar e álcool no Brasil, com forte participação de grupos internacionais. Há pouco mais de um mês, o grupo

Cosan, maior processador de cana-de-açúcar do mundo -moagem de 53 milhões de toneladas- anunciou associação com a Shell. Com o acordo, a Guarani passa a integrar um grupo com faturamento de US\$ 2,5 bilhões, ante US\$ 600 milhões como empresa isolada. A Tereos Internacional terá geração de caixa de cerca de US\$ 366 milhões. O negócio muda também o perfil financeiro do grupo. A relação dívida líquida sobre a geração de caixa da Guarani cai de 4 vezes para 3,2 vezes. Essa será uma vantagem para o minoritário da Guarani. Segundo Jacyr Costa, diretor-presidente da Guarani, a junção dos ativos no Brasil, na Europa e na África dará ao grupo Tereos capacidade total de 19,8 milhões de toneladas (15,2 milhões no Brasil). Em 2009, a Guarani processou 14 milhões de toneladas de cana, produziu 1 milhão de toneladas de açúcar e 490 milhões de litros de álcool.

Antecipação da safra derruba álcool no país – Valor Econômico – Agronegócios – 01/03/2010

Pelo segundo ano consecutivo, o mercado de álcool no país vive uma antecipação da safra, o que já se reflete nos preços. Neste ano, esse movimento ocorre ainda mais cedo que no ciclo passado. Os preços começaram a recuar na usina na última semana de janeiro e, desde então, a desvalorização alcança 17%, segundo o Indicador Cepea/Esalq. Na última semana, o litro do hidratado voltou a cair e fechou em R\$ 0,9963, queda de de 8,65%. O litro do anidro também recuou - 6,11% - para R\$ 1,2022.



Justifica essa tendência a forte queda no consumo de álcool nos postos de combustíveis em janeiro - que chegou a 40% em relação ao mês de dezembro - mantida em fevereiro, segundo informações do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e de Lubrificantes.

Enquanto isso, a produção de álcool segue em curso no Centro-Sul, à medida que usinas ainda não encerraram a moagem da safra 2009/10 e outras já iniciaram o ciclo 2010/11.

De acordo com Tarcilo Rodrigues, diretor da Bioagência, apesar de os estoques de álcool estarem baixos, o comportamento dos preços daqui em diante vai depender de alguns fatores, entre os principais, o clima. "Há cana-de-açúcar disponível e as usinas tendem a moer mais cedo. Mas é o volume de chuva que vai definir a oferta do produto", afirma. **(Fabiana Batista)**

Preço do etanol ainda não cai ao consumidor – Valor Econômico – Brasil – 02/03/2010

Nas últimas cinco semanas, o preço do etanol pago ao produtor caiu, em média, 16,7%, segundo levantamento feito pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) com base em dados da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) e do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Universidade de São Paulo (USP). Apesar disso, o preço nas bombas caiu apenas 1% no mesmo período.

Um levantamento feito a partir dos preços registrados nas bombas de combustíveis entre os dias 21 e 27 de fevereiro, divulgados ontem pela ANP, mostrou que em apenas dois Estados - Goiás e Mato Grosso - ainda vale a pena abastecer o carro flex com etanol.

De acordo com o diretor-técnico da Unica, Antonio de Padua Rodrigues, uma das explicações para a diferença entre os reajustes é o aumento da margem de lucro das distribuidoras, enquanto o preço nas usinas caiu. "Enquanto o preço recebido pelo produtor caiu cerca de R\$ 0,24 por litro em São Paulo ao longo de cinco semanas, o que se viu na bomba foi um recuo de apenas R\$ 0,02 por litro."

A demora no repasse do reajuste para baixo, segundo Rodrigues, prejudica o consumidor, tirando a competitividade do etanol ante a gasolina. Ele disse que, em dezembro, quando o preço do etanol nas usinas era semelhante ao atual, o preço médio para o consumidor em São Paulo era inferior a R\$ 1,60. A média da última semana foi de R\$ 1,80.

Grandes grupos de olho na paulista Mandu – Valor econômico – Agronegócios – 02/03/2010

Os principais grupos sucroalcooleiros do país se movimentam na disputa pela usina Mandu, de Guaíra. Segundo apurou o **Valor**, quatro empresas entregaram propostas não vinculantes para comprar a usina, controlada por Roberto Diniz Junqueira. Além da Cosan, também estão na concorrência a Açúcar Guarani, que recentemente adquiriu metade da usina Vertente, de Guaraci (SP), a multinacional

Bunge e a Companhia Agrícola e Pecuária Lincoln Junqueira, que conta com capacidade instalada para moer 14 milhões de toneladas e que tem como controlada o grupo de usinas Alto Alegre, que tem três unidades, das quais duas no Estado do Paraná.

Procuradas, Cosan, Alto Alegre e Guarani não se manifestaram. A Bunge não confirmou a informação. Segundo fontes, a família controladora da Mandu está interessada em vender a empresa porque considera que agora é um bom momento para se desfazer do negócio. As propostas apresentadas giram em torno de US\$ 110 por tonelada. A Mandu tem capacidade para moer 3,2 milhões de toneladas de cana-de-açúcar por safra.

Tradicional no ramo, a Mandu fazia parte do seleto rol de usinas que pertenciam à trading Crystalsev antes da fusão que resultou na Santelisa Vale, em 2007. Esta foi criada a partir da união dos ativos da Santa Elisa, de Sertãozinho (SP), Vale do Rosário, de Morro Agudo (SP), e outras usinas paulistas, e foi incorporada no ano passado pela múlti francesa Louis Dreyfus.

Procurada, a Mandu não retornou as ligações. A usina, que está prestes a completar 30 anos, recebeu no ano passado investimentos de R\$ 40 milhões para melhorar o processamento de cana de 534 toneladas por hora para 670 toneladas por hora, além de outras melhorias industriais. Por conta do excesso de chuvas no ano passado, a Mandu somente conseguiu moer 2,8 milhões de toneladas, apesar da previsão inicial de 3,2 milhões de toneladas. A produção de açúcar atingiu 2,83 mil sacas de 50 quilos e 135 milhões de litros de etanol. Para assessorá-la no processo, o grupo contratou a consultoria Arsenal Investimentos, segundo fontes do mercado. **(FB)**

Alcoolduto da PMCC, liderada pela Petrobras, atrai empresas – Francisco Góes – Valor Econômico – Agronegócios – 11/03/2010

A parceria da Petrobras com Mitsui e Camargo Corrêa na empresa PMCC Projetos de Transporte de Álcool S.A. poderá ganhar novos sócios. A PMCC foi criada para desenvolver um projeto de logística para o etanol, por meio de dutos, desde o Centro-Oeste até o litoral do Sudeste, em uma extensão de quase mil quilômetros. O **Valor** apurou que há empresas negociando uma possível entrada no projeto do alcoolduto da PMCC, que prevê investimentos totais de cerca de R\$ 2 bilhões.

A Petrobras confirmou que "de fato" existem várias empresas interessadas em ingressar no empreendimento da PMCC, que tem participações iguais entre os três sócios (Petrobras, Mitsui e Camargo Corrêa). A PMCC é uma empresa de logística e não tem a função de comercializar o etanol. A estatal não informou os nomes de empresas com as quais a PMCC negocia, pois alegou que existem cláusulas de confidencialidade.



O corredor de transporte para o etanol do Centro-Oeste para o Sudeste é conhecido dentro da Petrobras como Sistema de Escoamento Dutoviário de Álcool e Derivados (Seda). Um dos objetivos do projeto é ampliar a capacidade de exportação via Rio de Janeiro e atender ao mercado doméstico.

O alcoolduto da PMCC está previsto para ser implantado em fases e, quando estiver concluído, irá se estender entre Paulínia, onde situa-se a Refinaria do Planalto (Replan), e Senador Canedo (GO), em trajeto com cerca de 800 quilômetros. Esse trecho será instalado na mesma faixa do poliduto São Paulo-Brasília (Osbra), usado para transporte de gasolina, nafta, diesel e querosene de aviação (QAV). Estão previstos quatro centros coletores de etanol na faixa do Osbra. São eles: Ribeirão Preto, Uberaba, Itumbiara e Senador Canedo. Um outro duto, com 115 quilômetros, será construído entre a Replan e Anhembi (SP).

Esse duto permitirá receber o etanol transportado pelo sistema de empurradores e barcaças, a ser operado pela Transpetro, subsidiária de logística da Petrobras, na hidrovia Tietê-Paraná. A Transpetro lançou ontem concorrência para construir as embarcações no Brasil, conforme antecipado pelo **Valor**. Os 20 comboios de empurradores e barcaças também fazem parte do corredor de logística do etanol da Petrobras. Na hidrovia estão programados a instalação de quatro terminais, sendo três para recebimento do álcool (Presidente Epitácio, Aparecida do Taboado e Araçatuba) e um para entrega do produto, em Anhembi, de onde seguirá por duto para a Replan.

A Petrobras informou que o plano do alcoolduto encontra-se com o projeto básico concluído e em fase de licenciamento ambiental - ainda não foi iniciada a construção em nenhum trecho, o que depende das licenças. A empresa espera receber a licença prévia em 30 dias. Após a emissão, o projeto vai entrar na etapa de construção e aquisição de equipamentos.

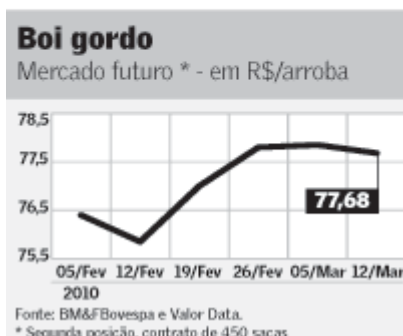
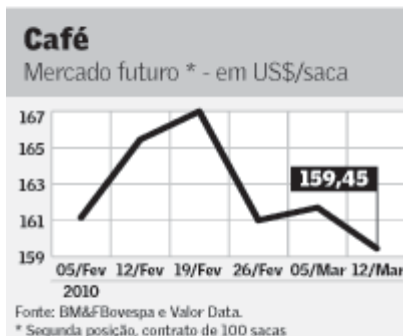
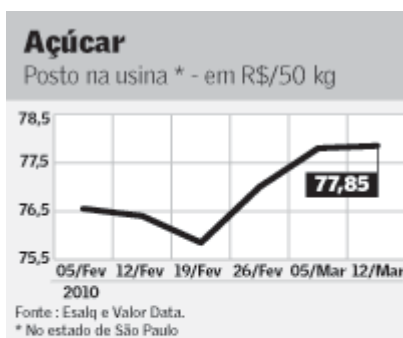
Segundo a Petrobras, a entrada em operação do primeiro trecho do alcoolduto, entre Uberaba (MG) e Paulínia (SP) está prevista para o segundo semestre de 2011. Esse trecho permitirá atender ao mercado interno, por meio das bases de Paulínia,

Barueri e Guarulhos, e também ao mercado externo via terminal de Ilha D'Água, no Rio de Janeiro, já em 2010. Outras fases do projeto serão implantadas mais adiante dentro de um cronograma que vai até 2013.

A previsão é que o sistema movimente 12,8 bilhões de litros de álcool por ano no trecho Senador Canedo-Paulínia na safra 2020/21. Para a hidrovía, a estimativa da Petrobras é de que o volume atinja 9,4 bilhões de litros de etanol por ano daqui a dez anos. O plano é de que o produto transportado pelo duto e hidrovía seja distribuído em Paulínia, região metropolitana de São Paulo, Vale do Paraíba e nos terminais marítimos de São Sebastião (SP) e Ilha D'Água. Em 2009, a Petrobras exportou 500 milhões de litros de etanol.

Mercado de açúcar de olho no Brasil – Fabiana Batista – Valor Econômico - Agronegócios – 15/03/2010

Depois de superarem a barreira dos 30 centavos de dólar por libra-peso na bolsa de Nova York, as cotações do açúcar já registraram fortes perdas e a tendência para os próximos meses, com a entrada da produção do Brasil no mercado, é de pressão baixista, a não ser que adversidades climáticas no Centro-Sul do país prejudiquem a colheita de cana ou que a Índia retome as importações da commodity.



Apesar do tombo superior a 23% observado em Nova York desde o início de fevereiro, as cotações seguem em elevado patamar. Assim, a expectativa é que a Índia retome o ciclo de grandes safras a partir de outubro, o que deverá tirar suporte dos preços no segundo semestre deste ano.

O mercado já aposta em uma produção 40% maior no país asiático, que tende a subir de um patamar de 16 milhões para 24 milhões de toneladas, conforme Rodrigo Martini, consultor de gerenciamento de risco da FCStone.

Para o Centro-Sul brasileiro, onde já sobrou muita cana em pé da temporada passada por causa das chuvas, por enquanto tudo caminha para uma grande safra. A FCStone prevê moagem de 597,5 milhões de toneladas de cana na região, 11,6% mais que no ciclo 2009/10. A produção de açúcar deverá aumentar expressivos 21,7% e alcançar 34,7 milhões de toneladas.

Na sexta-feira, os preços da commodity deixaram temporariamente o movimento de queda e, empurrada por movimentos financeiros derivados da desvalorização do dólar, fecharam em alta. Os contratos para julho subiram 37 pontos

em Nova York e fecharam a 18,87 centavos de dólar por libra-peso. Ainda assim, na semana a commodity recuou 11%.

Arnaldo Correa, da Archer Consulting, concorda que o rumo dos preços até outubro vai depender mesmo do andamento da safra no Centro-Sul brasileiro. "Além disso, a Índia pode voltar comprando e surpreender", diz Corrêa sobre o comportamento dos indianos nos próximos meses até outubro.

Os principais motivadores do forte movimento de alta, que fez as cotações saírem de 20 centavos para 30 centavos de dólar, foram as contínuas chuvas no Brasil e a queda na safra da Índia, que foi maior do que o mercado esperava. No entanto, segundo Martini, a queda vertiginosa de agora se deve, a princípio, pelo enfraquecimento da demanda da Índia e Paquistão, efeito dos preços extremamente elevados.

Suco, etanol e biodiesel no foco do porto belga de Guent – Francisco Góes – Valor Econômico – Agronegócio – 15/03/2010

O iate se aproxima de um cais no porto de Ghent, no norte da Bélgica, e para a poucos metros de uma área com grandes silos para armazenagem de grãos. Fons Maes, secretário-geral do Conselho Belga de Biodiesel, aponta em direção ao píer e anuncia: "Temos aqui um cluster de biocombustível." No local, há uma operação logística integrada para receber matérias-primas, produzir biodiesel e etanol e escoar os produtos via barcaças ou navios até os mercados consumidores. Os biocombustíveis tornaram-se uma das apostas de crescimento e diversificação para Ghent, um dos cinco maiores portos fluviais da Europa.

No desenvolvimento do negócio de biocombustíveis, o Brasil aparece como parceiro estratégico. "Ninguém tem melhores cartas para jogar em etanol do que o Brasil", diz Maes. O Brasil é também o principal parceiro de Ghent considerando-se o volume total de cargas que passa pelo porto. Em 2009, o Brasil respondeu por 10% do comércio marítimo que trafegou por Ghent (em anos normais esse percentual chega a ser duas vezes maior). Passaram por Ghent 20,8 milhões de toneladas de cargas marítimas, das quais 2,1 milhões de toneladas corresponderam ao comércio com o Brasil.

Ghent movimentou outras 16,4 milhões de toneladas via barcaças fluviais, levando produtos por hidrovias para países como França e Holanda. Entre os principais produtos do Brasil em Ghent estão soja, suco de laranja, sal, produtos siderúrgicos e minério de ferro. Duas das maiores empresas do mundo no mercado de suco de laranja - Citrosuco, controlada pelo brasileiro Grupo Fischer, e a francesa Louis Dreyfus - têm terminais em Ghent. Na estratégia de diversificação, um segmento de negócio que vem crescendo muito no porto de Ghent é o de suco de laranja não concentrado (conhecido no setor pela sigla NFC).

Paul Van Daele, diretor técnico da Citrosuco Europe, em Ghent, diz que em 2009 o terminal movimentou 350 mil toneladas, volume recorde e algo como 20% maior se comparado a 2008. "Esperávamos que o NFC caísse [com a crise] porque é mais caro. Mas o que aconteceu foi que o NFC cresceu e o [suco] concentrado caiu um pouco", diz Van Daele.

A tendência para os próximos anos é a mesma. Uma tonelada de concentrado representa 5,5 toneladas de NFC. Rick Sabiran, gerente de produção da Louis Dreyfus em Ghent, diz que hoje o NFC representa cerca de 30% do volume movimentado pelo terminal da empresa no porto (os outros 70% correspondem ao concentrado). Até o fim do ano, o NFC deve responder por 50% do volume de suco no terminal da empresa. A Louis Dreyfus começou a operar com NFC, em navios a granel, por Ghent, em março de 2009.

Daan Schalck, presidente-executivo de Ghent, considera a diversificação fundamental para o crescimento do porto no pós-crise. Outro fator estratégico é a construção de uma nova eclusa para permitir o acesso de navios maiores ao porto, projeto previsto para estar pronto só em 2020 e que depende de entendimentos com a Holanda uma vez que o acesso a Ghent, por hidrovia, desde o Mar do Norte, se dá via território holandês. Ghent também conta uma área "greenfield" de 400 hectares para o desenvolvimento de projetos industriais e logísticos. "Depender muito de uma ou duas companhias pode ser uma fraqueza em situação de crise", diz.

A lição com a crise financeira iniciada em 2008 foi dura para Ghent, administrado pela prefeitura da cidade de mesmo nome e que está situado a cerca de 50 quilômetros ao norte de Bruxelas, capital da Bélgica. A crise evidenciou o risco de depender muito de um só produto ou empresa. A recessão fez cair o comércio mundial e afetou seriamente o setor siderúrgico. Com o fechamento de altos-fornos, entre os quais da ArcelorMittal, que tem uma grande usina integrada no porto, Ghent viu despencar em 22%, no ano passado, a movimentação de cargas no transporte marítimo. Foram menos 6 milhões de toneladas sobre 2008.

O movimento foi influenciado pela queda nos volumes de minério de ferro e carvão que passam por Ghent para alimentar a usina da ArcelorMittal, que, em anos normais, responde por um terço da movimentação marítima do porto. O pior da crise ficou para trás e os altos-fornos que foram desligados estão voltando a operar. Mas a lição ficou para Ghent, um dos três principais portos de Flandres, como é conhecida a região norte da Bélgica (os outros dois são Antuérpia e Zeebrugge).

Os bicombustíveis são, para Schalck, um caminho de diversificação com "adição de valor". Uma ou duas vezes por mês navios carregados com soja do Brasil atracam em Ghent e parte do produto é transformado em biodiesel. Em 2009, foram importadas 400 mil toneladas de produtos de soja do Brasil. Ghent tem capacidade de estocagem de 1,3 bilhão de litros para combustíveis tradicionais e biocombustíveis. Em Ghent, o etanol é elaborado a partir de grãos como sorgo e milho.

Ghent se autodefine como líder europeu na pesquisa e desenvolvimento da primeira geração de biocombustíveis, incluindo produção e logística. No porto, há também um projeto-piloto para produção de biocombustíveis de segunda geração, a

partir de resíduos. Segundo Schalck, há potencial de crescimento para Ghent em graneis líquidos, incluindo petróleo e biocombustíveis. A previsão leva em conta a obrigação legal belga de adicionar 4% de biocombustíveis aos combustíveis tradicionais, acrescenta Fons Maes, do Conselho Belga de Biodiesel. Esse percentual deve aumentar para 7% e chegar até 10% nos próximos anos. Geraldine Kutas, assessora da presidência da brasileira União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) para assuntos internacionais, diz que hoje há duas barreiras de acesso para o etanol brasileiro ao mercado europeu. Há uma tarifa de importação de € 0,19 por litro sobre o valor CIF e uma barreira técnica relacionada à especificação do produto. Outro ponto que preocupa é a futura aplicação de critérios de sustentabilidade que devem entrar em vigor na Alemanha, em julho, e no resto da União Europeia até novembro. "O tamanho do mercado europeu vai crescer para o etanol mas vai demorar dez anos", prevê Geraldine. Para promover e esclarecer questões sobre o etanol, a Unica abriu há quase dois anos escritório em Bruxelas.

Europeus questionam uso de biocombustíveis – Assis Moreira – Valor Econômico – Agronegócios – 15/03/2010

A exportação de etanol do Brasil à Suécia, país que adotou claramente o uso de etanol em sua política de emissão de gases de efeito estufa, recuou fortemente em 2009 e fez emergir outras discussões que se estendem a todo o bloco europeu. No momento com menor competitividade econômica em relação à gasolina na Europa, os biocombustíveis vêm sendo questionados também em relação à ocupação de terras e, no caso do etanol do Brasil, também no que se refere à ocupação da Amazônia.

As importações do produto brasileiro pela Suécia caíram 55% entre 2008 e 2009. Saíram de 161,2 mil toneladas para 72,2 mil toneladas em volume e de US\$ 100 milhões para cerca de US\$ 48 milhões em valores. O etanol brasileiro representa 90% do biocombustível usado nos carros suecos. O país tem autorização especial para importar o biocombustível com tarifa menor do que a taxa proibitiva imposta pela União Europeia.

Do lado oficial, a versão é que o preço da gasolina é que está causando a queda na importação. O vice-ministro de Comércio, Gunnar Wieslanders, insiste que boa parte dos suecos toma a decisão de consumo baseada na comparação econômica, e, por isso, neste momento, está recorrendo à gasolina, que está mais competitiva.

O preço do litro desse combustível é de 12,8 coroas (quase US\$ 2), enquanto o custo do etanol fica em torno de 10 coroas (menos de US\$ 1,5). Ainda assim, a gasolina acaba mais barata hoje porque, para o carro fazer a mesma distância, precisa de mais etanol. O vice-ministro estima que o problema é passageiro. "Na verdade, antes era só uma companhia que importava etanol e agora há outros grupos entrando no jogo".

No entanto, especialistas apontam aumento das resistências em relação ao biocombustível. A professora brasileira Semida Silveira, do Instituto Real de Estocolmo - universidade altamente especializada em tecnologia - observa uma

reação negativa crescente em relação ao etanol, vinculada à destruição da Amazônia. "Eles não conhecem bem a geografia do Brasil e acham que o etanol está acabando com a floresta", afirma a professora, especialista em questões climáticas. "Além do etanol, agora é a soja que está sendo contestada".

Peter Roberntz, do WWF, fundo mundial da natureza, admite que a baixa do preço da gasolina de fato afetou o uso de biocombustível, mas concorda que houve uma mudança de visão em relação ao etanol, mesmo o brasileiro, por causa do impacto no uso da terra, entre outros fatores. "Está claro que precisamos de biocombustível, mas não necessariamente de etanol. E o debate vai se aprofundar sobre até que montante podemos consumir, sobre eficiência de energia, sobre mudança no comportamento do consumidor etc."

As autoridades suecas estimam que o país precisará ampliar o uso de biocombustível em 40% até 2020. A importação do etanol do Brasil foi acompanhada de um acordo, pelo qual as usinas se comprometem com certificação sustentável do produto.

A oposição ao etanol se repete no resto da Europa. A Comissão Europeia, o braço executivo da União Europeia, deve definir o que é considerado "terra degradada" nos critérios de sustentabilidade da produção de etanol. Também precisará ainda definir as regras que provam sustentabilidade.

A briga é enorme. Grupos ambientalistas - ClientEarth, Transport & Environment, European Environmental Bureau, and BirdLife International - abriram processo contra a Comissão Europeia, na Corte Europeia de Justiça, por não ter revelado estudos sobre o impacto de biocombustível no meio-ambiente. Em sua visita ao Brasil a partir do dia 23, o rei da Suécia, Gustaf XVI, deve reiterar a importância da cooperação técnica entre os dois países na área de etanol.

Etanol já está vantajoso em quatro Estados – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 16/03/2010

A queda nos preços do álcool na usina começa a se refletir mais fortemente no valor cobrado nos postos de combustíveis e, por consequência, a elevar a atratividade do produto ao consumidor final. Nas últimas quatro semanas, o preço médio do litro do etanol em São Paulo recuou 8,5% para R\$ 1,687, o equivalente a 68,4% do preço da gasolina. Para ser considerado mais competitivo, o litro do álcool ao consumidor final tem que equivaler a até 70% do valor do combustível fóssil.

Na última semana, a vantagem do álcool em relação à gasolina foi registrada em mais três estados, além de São Paulo. Goiás com 65,64%, percentual que há quatro semanas era de 71,8%, Tocantins com 68,41%, ante os 71% registrados há um mês, e Mato Grosso, onde o etanol se manteve competitivo durante toda a entressafra.

Na semana de 22 de janeiro, os preços do álcool hidratado (que abastece diretamente o veículo) atingiram o pico de R\$ 1,20. Após esse período, o produto

iniciou uma curva descendente encerrado a última semana cotado a R\$ 0,8271, retração de 31%.

Nas últimas semanas, a União da Indústria da Cana-de-açúcar (Unica) vem se manifestando contra a demora no repasse dessa queda do preço ao consumidor final. Em janeiro, a venda de etanol hidratado retraiu-se 24% e, em fevereiro, 28%, segundo Unica.

Cenário favorece o fortalecimento de usinas em recuperação judicial – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 18/03/2010

Após o agudo período de crise que pegou no contrapé muitos grupos de usinas sucroalcooleiras alavancados e outros já de longa data endividados, o segmento faz um balanço otimista do que sobrou. Em um universo com mais de 500 unidades industriais, apenas oito pediram recuperação judicial e algumas delas já estão conseguindo se reerguer, apoiadas sobretudo nos bons preços do açúcar. Com isso, a tendência é que na maior parte dos casos a moagem volte a níveis pré-crise, os caixas sejam reforçados e dívidas com fornecedores sejam pagas.

Juntas, as oito usinas têm capacidade conjunta de moagem de cana de quase 30 milhões de toneladas, ou cerca de 5% do que foi processado na safra 2009/10, que se aproxima de 590 milhões de toneladas. Na temporada passada, a capacidade ociosa das unidades em recuperação foi elevada, pelo atraso no início dos trabalhos e pelo excesso de chuvas. Nesta safra, em alguns casos a moagem pode até superar o volume realizado antes dos pedidos de recuperação judicial.

O Grupo Naoum, de Goiás, fundado há 40 anos pelo empresário Munir Naoum, pretende moer nesta safra um volume recorde. A previsão da empresa é processar 3,7 milhões de toneladas, mais do que as 3,57 milhões de 2008/09, antes da recuperação judicial. Com três usinas que somam capacidade de moagem de 4 milhões de toneladas, o grupo tradicionalmente produz mais açúcar do que etanol. Na temporada passada, já imerso na crise, o grupo teve sua receita afetada pela chuva no Centro-Sul e por pendências jurídicas do processo de recuperação, que atrasaram a captação de recursos para os trabalhos de manutenção na entressafra. Assim, o processamento começou em julho, com três meses de atraso e a moagem ficou em 2,4 milhões de toneladas, 1 milhão a menos do que o previsto.

Com os percalços, o Grupo Naoum estima que deixou de faturar R\$ 100 milhões, ou 40% do potencial previsto no período. Para bancar parte dos custos de manutenção desta entressafra, recém-encerrada, a empresa pediu crédito a fornecedores antigos. Fontes do mercado dizem que isso foi possível em razão da volta do empresário Munir Naoum aos negócios - ele tinha se afastado antes do início das dificuldades. Apesar de ter pedido a recuperação no fim de 2008 e obtido a aprovação no primeiro trimestre de 2009, a empresa ainda negocia com seus credores. Quando anunciou a recuperação, o grupo tinha dívidas de US\$ 100 milhões.

Após ficar paralisada de dezembro de 2008 a julho de 2009 por falta de recursos para operar e pagar fornecedores, a Usina Albertina conseguiu a liberação de garantias por seus credores e pode iniciar a moagem no ciclo passado. Foram

processadas apenas 850 mil toneladas, ante uma capacidade de 1,5 milhão de toneladas. No entanto, a produção, mesmo reduzida, ajudou a gerar caixa a partir dos bons preços do açúcar e débitos trabalhistas foram todos quitados. Também foram pagas dívidas de até R\$ 20 mil com fornecedores. Foram satisfeitos 75% do número total de credores e cobertas pouco menos de 10% da dívida total avaliada em R\$ 240 milhões, incluídas pendências fiscais.

Dessa forma, neste ciclo (2010/11) a usina conseguirá antecipar a moagem para os próximos dias (antes de abril) e espera retornar aos níveis de moagem pré- crise, de 1,5 milhão de toneladas de cana. Fundada na década de 20 e sob a administração da empresária Viviane Carollo até a recuperação judicial, a Albertina estabeleceu um conselho de administração informal formado por acionistas e credores. O dia a dia é tocado por uma equipe profissional e com uma gestão interna para garantir o cumprimento do plano de recuperação, de acordo com Marcelo Milliet, gestor interino da usina.

Milliet explica que está sendo terminada uma auditoria para que seja concluída a implementação do programa de recuperação, que considera duas alternativas. Uma é a conversão das dívidas dos três principais credores, que somam US\$ 60 milhões, em ações. "Se esses credores converterem seus débitos em ações, os outros que não o fizerem, terão desconto de 70% do que têm a receber". A outra é a criação de uma holding, com a maior parte dos ativos, que seria leiloada por um valor mínimo a ser definido. "Neste caso, a previsão é que o leilão seja em novembro. Se o valor mínimo não for atingido, existe a possibilidade de fazermos outro em maio de 2011", afirma ele.

No caso da Usina Campestre, de Penápolis (SP), fundada da década de 40 pela família Igreja, a reorganização financeira só foi possível com o afastamento da antiga administração. Em um processo conturbado de recuperação judicial, a usina já está em seu terceiro administrador judicial - profissional autorizado por um juiz para acompanhar e fiscalizar o processo de recuperação judicial - e ainda não conseguiu levantar recursos para fazer a manutenção para reiniciar a moagem da safra 2010/11.

"Não temos ainda uma previsão de quando esses recursos serão levantados e de início de moagem", diz o gestor judicial da usina, José Carlos Fernandes de Alcântara. Segundo Carlos Alberto Pacianotto, advogado da Campestre, está sendo negociada com a credora Mercavale Mercantil Vale do Sol, de Minas Gerais, uma venda antecipada de açúcar para obter recursos. A expectativa é levantar R\$ 10 milhões mediante um contrato de compra antecipada de 200 mil a 250 mil sacas de açúcar. "Fizemos um adendo no plano de recuperação com a criação da figura do 'credor parceiro' para beneficiar com condições privilegiadas os credores que concederem crédito à usina, ou na forma de capital ou de serviços estratégicos", explica Pacianotto.

Entre as vantagens oferecidas está um menor prazo de pagamento e a eliminação do deságio sobre a dívida, que para os outros credores será de 50%. A Campestre tem capacidade de moagem de 3 milhões de toneladas de cana e, por causa do atraso na moagem e das chuvas, moeu cerca de 1,8 milhão de toneladas no ciclo 2009/10.

Ativos tornam-se boas oportunidades de compra – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 18/03/2010

Em alguns casos, o endividamento das usinas que pediram proteção judicial não é elevado, se comparado com os ativos. Havia um passivo de curto prazo, que, em meio ao ápice da crise, acabou detonando uma reação precipitada. Essa condição, as tornam, em alguns casos, atrativas para compradores. Foi o que aconteceu recentemente com as usinas do Grupo J. Pessoa.

Administrada por José Pessoa de Queiroz Bisneto, o grupo assinou memorando com a Marambaia Energia Renovável, controlada pelo banqueiro Luiz César Fernandes (ex-Pactual e Garantia) de uma parceria que deve resultar na incorporação das usinas pela Marambaia em troca da concessão de ações da empresa ao Grupo J. Pessoa. São seis usinas, sendo uma em São Paulo e outras duas em Mato Grosso do Sul, além de unidades em Sergipe e no Rio de Janeiro. O grupo tem endividamento de R\$ 270 milhões e uma capacidade de moagem de 6 milhões de toneladas.

Também em recuperação judicial, a Infinity Bio-Energy, apesar de um endividamento maior (R\$ 1 bilhão, que foi reduzido pelos credores para R\$ 500 milhões) e com ativos considerados menos atrativos pelo mercado, conseguiu negociar a venda de 70% da empresa para o grupo Bertin, tradicional em infraestrutura. O valor do capital injetado na companhia pelo Bertin ainda não foi divulgado.

O fato é que algumas usinas em recuperação judicial podem virar oportunidade de negócio para compradores. Mas, se foi bom ou mal negócio para essas empresas entrarem em recuperação judicial, só o tempo dirá. A avaliação é de que o endividamento não foi sozinho o que detonou as decisões das usinas de aderir a esse recurso, segundo André Passos, advogado da Buranello Passos Advogados.

"Foi uma reação das empresas para tentar se proteger, diante da escassez de crédito e de uma condição alavancada. Foi para conseguir um respiro, e não uma solução", diz Passos. Segundo ele, o viés negativo pode surgir após o processo, com mais restrições na concessão de crédito. São situações que resultam de uma recuperação que traz deságios elevados da dívida ou que não permitem ao credor participar da discussão. **(FB)**

Guarani sai da SCA e negocia com Copersucar – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 18/03/2010

A Açúcar Guarani, que está entre os cinco maiores grupos sucroalcooleiros do país, deixará de comercializar sua produção de etanol na SCA (Sociedade Corretora de Álcool) em abril, após dez anos de parceria. O **Valor** apurou que a empresa costura um acordo com a Copersucar, para que esta fique responsável pela venda de etanol do grupo no Brasil.

A parceria deverá ser divulgada nas próximas semanas, segundo fontes próximas às negociações. Procuradas, SCA e Copersucar não se pronunciaram. A Açúcar Guarani afirmou, por meio de sua assessoria de imprensa, que não comenta especulações.

A saída da SCA, da qual a Guarani foi cofundadora, virá após a venda das usinas do Grupo Moema para a americana Bunge e das unidades da SantelisaVale para a francesa Louis Dreyfus. Também acontecerá após o fortalecimento da Cosan, que também é associada da SCA e atualmente está em negociações avançadas para uma aliança com a anglo-holandesa Shell.

Na safra 2009/10, que termina oficialmente no fim de março, a Açúcar Guarani deve produzir entre 400 milhões e 450 milhões de litros de etanol, sendo 100% comercializados com a SCA. O volume representa pouco menos de 10% do que a SCA deve ter movimentado na safra 2009/10 - o volume é estimado em 5 bilhões de litros, de 62 usinas no total.

O **Valor** apurou que a entrada da Guarani na Copersucar, se confirmada, deverá ter reflexos sobre as operações do grupo francês Tereos, que controla a Guarani. Fontes do segmento afirmam que a Copersucar poderá repassar aos franceses suas negociações de etanol no mercado europeu, que variam de 100 milhões a 200 milhões de litros de etanol por temporada.

Independentemente disso, a transação fortalecerá a Copersucar nas operações com etanol no Brasil, que nesta safra devem atingir números próximos de 3,8 bilhões de litros. Com a entrada da Açúcar Guarani, esse volume tem potencial para chegar a

4,2 bilhões de litros, o dobro dos 2,1 bilhões de litros que a Cosan produziu na última safra (2009/10).

Com 36 usinas associadas que somam uma moagem próxima de 80 milhões de toneladas, a Copersucar, terá com a Guarani, um caso único de usina que se torna parceira com apenas um produto - no caso, o etanol, já que o açúcar é de sua responsabilidade. Será também a adesão recente de maior peso na Copersucar desde a saída do grupo São Martinho, em abril de 2008, que representava de 16% a 17% do volume de açúcar e álcool comercializado pela ex-cooperativa, hoje uma S.A.

A previsão da Copersucar era de faturar R\$ 8,5 bilhões na temporada 2009/10, conforme informações fornecidas pelo grupo ao **Valor** em entrevista realizada em outubro passado com o CEO da empresa, Paulo Roberto de Souza.

A Açúcar Guarani processou em 2009/10 aproximadamente 13 milhões de toneladas de cana e, até dezembro de 2009, já tinha produzido 472 milhões de litros de álcool. Neste ciclo, o 2010/11, a previsão de moer 15,2 milhões de toneladas foi revisada para 16 milhões com a aquisição de metade da usina Vertente, anunciada em fevereiro deste ano. Nos nove meses da safra 2009/10, a Açúcar Guarani registrou um lucro líquido de R\$ 15,7 milhões, revertendo o prejuízo de R\$ 241,4 milhões dos nove meses da temporada anterior.

Negócios com usinas este ano devem superar 2008 – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 23/03/2010

Atualmente com seis projetos de fusões e aquisições de usinas de açúcar e álcool somente em sua carteira, a consultoria KPMG estima que em todo o mercado brasileiro o número de negócios efetivados no setor este ano deve superar o de 2008, quando 14 operações foram concretizadas. Segundo André Castello Branco, sócio da consultoria, boa parte das negociações em curso envolve grupos médios e pequenos, apesar da expectativa de que no segundo semestre os grandes grupos voltem com mais agressividade, após a "digestão" das aquisições recentes.

"Não que essas empresas estejam paradas, sem olhar oportunidades. Essas avaliações estão ocorrendo em paralelo com o processo de integração dos ativos adquiridos", explica Castello Branco.

Para se ter uma ideia do potencial de consolidação que ainda existe nesse setor, diz o especialista, nas áreas de carnes e de café, os maiores grupos representam mais de 50% das vendas setoriais. No caso das carnes, os dez maiores grupos representam 57% das exportações brasileiras e, as dez maiores produtoras de café movimentam 56% das vendas, segundo a KPMG.

"Com 470 indústrias, o setor sucroalcooleiro ainda é muito pulverizado. No entanto, nos últimos anos, a consolidação avançou. Em 2007/08 os dez maiores grupos detinham 28% da capacidade de moagem, percentual que já estava em 34% no ciclo 2009/10 ", diz.

De acordo com a consultoria, entre 2000 e 2006 ocorreram no Brasil 54 aquisições de usinas, sendo que 63% envolveram pequenos e esparsos negócios. Ainda, 37% dessas empresas foram adquiridas por grandes grupos, entre eles, Cosan e Louis Dreyfus.

Em 2007, observa Branco, houve um boom de aquisições com a chegada de novos entrantes no setor. Naquele ano, foram 25 operações realizadas por 20 grupos diferentes. Na época, o destaque foi para a Infinity Bioenergy, que comprou três usinas - hoje, a empresa está em recuperação judicial e acaba de ser adquirida pelo grupo Bertin.

A partir de 2008, com o agravamento da crise mundial, que tornou o crédito escasso, esse número caiu. Foram 14 negócios em 2008, 12 em 2009 e seis até fevereiro deste ano, segundo Branco. "Apesar de serem em menor volume, as aquisições recentes tiveram dimensão maior do que no início e em meados da década", lembra.

O processo de consolidação também diluiu o capital nacional no setor. Segundo aDatagro, em 2008/09, 12,4% do processamento de cana foi feito por empresas de capital estrangeiro. Esse percentual avançou para 23% até janeiro deste ano, com o anúncio da associação Cosan/Shell.

Para Unica, empresas estrangeiras fortalecem setor de açúcar e etanol – Valor Econômico – Agronegócios – 24/03/2010

As fusões e aquisições de usinas de açúcar e álcool em dificuldades financeiras por grandes players, sobretudo os estrangeiros, fortaleceram o segmento no Brasil para fazer frente aos investimentos necessários para atender à demanda crescente por biocombustíveis. De acordo com dados da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica), 22% da moagem de cana do Centro-Sul em 2010/11 será realizada por companhias de capital estrangeiro, percentual que foi de 7% na temporada 2007/08.

"A gente percebe que isso está gerando um setor mais sólido, com mais estrutura de capital e com maior capacidade de fazer frente às demandas", afirmou ontem o presidente da Unica, Marcos Jank, durante o seminário da F.O. Licht, em São Paulo.

Jank referiu-se em particular à entrada da Shell no segmento de açúcar e etanol, a partir da joint venture formada com a Cosan. "A Shell seguiu a BP [British Petroleum] e a Petrobras, que já tinham participação no setor. Mas entrou com muito mais força".

A consolidação da área, que já vinha ocorrendo há alguns anos mas que nos últimos três a quatro anos ficou mais intensa, elevou consideravelmente a concentração. Enquanto em 2004/05 cinco empresas respondiam por 12% do volume produzido, em 2009/10 esse percentual aumentou para 27%.

Jank citou exemplos de negociações como a SantelisaVale, comprada pela Louis Dreyfus, a negociação da Moema, adquirida pela Bunge, além da aquisição da Brenco pela ETH. Ele lembrou ainda a compra de uma participação majoritária na Equipav pela indiana Shree Renuka, e também do avanço do Bertin no setor de biocombustíveis, com a negociação com a Infinity Bioenergy.

Para Jank o setor ainda tem grandes perspectivas de crescimento, seja pela maior demanda por açúcar vinda de países emergentes, seja pela maior utilização de biocombustíveis. "Pelo etanol, o grande aumento que se espera é da frota flex [no Brasil], que ainda é de 40% do mercado".

Segundo a F.O. Licht, a produção de etanol no Brasil em 2010/11 deve subir para 27,4 bilhões de litros, ante 24 bilhões de 2009/10. O consumo interno, segundo a Licht, subirá de 22,5 bilhões para 25,2 bilhões de litros. "A frota de carros flex [no Brasil] continuará a se expandir e o etanol voltará a ser competitivo", afirmou o diretor-geral da Licht, Christoph Berg.

Tereos acirra disputa entre os grandes em açúcar e álcool – Fatima Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 30/03/2010

Em um movimento emblemático, sobretudo para uma empresa de um país conhecido pelo nacionalismo, o grupo francês Tereos confirmou ontem, oficialmente, que está transferindo sua sede mundial e ativos para o Brasil, conforme antecipou o **Valor**.

Nas entrelinhas, o grupo deixou claro que o movimento é uma preparação para sua entrada na briga de gigantes que se transformou o setor sucroalcooleiro brasileiro. Desde 2008, a Açúcar Guarani, controlada da Tereos no país, não faz grandes movimentos de expansão. Agora, o plano é captar recursos no mercado de capitais - no Brasil e na França - e financiar sua expansão, não somente dos ativos de açúcar, álcool e cogeração de energia, mas também de todo o grupo Tereos, que inclui também ingrediente alimentícios.

Com elevado endividamento, a Açúcar Guarani não conseguiu aproveitar nos últimos meses as oportunidades de compra de usinas, aproveitadas pelas multinacionais Bunge e Louis Dreyfus, além da indiana Shree Renuka e da brasileira Cosan. Em uma tacada só, essas empresas incorporaram grandes ativos, que juntos somam mais de 50 milhões de toneladas de capacidade moagem.

Nesse período, a Guarani, que até a safra 2006/07 era a terceira maior empresa do segmento em moagem de cana, fechou apenas a compra de 50% da usina Vertente, de Guaraci (SP), com capacidade total para moer 1,8 milhão de toneladas. Assim, na prática, a controlada da Tereos incorporou, por meio de aquisições, 900 mil toneladas de capacidade aos seus ativos nos últimos dois anos.

Com melhorias industriais nos seus ativos já existentes, a empresa no Brasil conseguirá moer 15,2 milhões de toneladas de cana no ciclo 2010/11 - ante 13,8 milhões na safra 2009/10 -, mais o adicional de 900 mil toneladas equivalentes à metade da Vertente. Somando-se os 2 milhões de toneladas de capacidade de moagem que a Tereos tem fora do Brasil (Ilha de Reunião, próxima a Madagascar, Tanzânia e Moçambique), a moagem total da futura empresa Tereos International neste ciclo será de 18 milhões de toneladas, o que a sustenta na quarta posição entre as maiores do Brasil, empatada com o grupo paranaense Santa Terezinha.

Ainda não há planos sobre quanto essa capacidade vai ser expandida após a oferta de ações, ainda sem data definida. "O que podemos adiantar é que vamos crescer acima da taxa média prevista para todo o setor, que é entre 7% a 10% ao ano. Hoje, há mais sentido a expansão por aquisições. Assim, é difícil prever quanto cresceremos, pois dependerá de uma série de fatores, inclusive de que tipo de oportunidades surgirão", diz Jacyr Costa Filho, diretor-presidente da Guarani. O executivo deve permanecer à frente das atividades no Brasil após a conclusão da criação da Tereos Internacional.

Com a incorporação dos ativos da Tereos (com exceção dos ativos de açúcar de beterraba), a nova empresa no Brasil sairá de avaliação patrimonial de € 686 milhões para mais de € 1,7 bilhão.

O planejamento, segundo Alexis Duval, diretor financeiro da Tereos, é que a empresa esteja listada em bolsa em julho e, se o mercado estiver com apetite, fazer o lançamento de ações logo em seguida. "Ainda não temos uma dimensão exata do valor dessa oferta", afirma Duval.

Recorrer ao mercado de capitais é a alternativa mais cogitada pelas empresas que querem continuar crescendo neste setor, como a ETH Bioenergia, do grupo Odebrecht, que prevê sua estreia na bolsa para 2011, e a LDC-SEV, empresa formada da incorporação dos ativos da trading francesa Louis Dreyfus e do tradicional grupo Santelisa Vale, que também tem como target o ano de 2011.

Trazer a diversificação de ativos e atividades da Tereos na Europa para a nova empresa, a Tereos Internacional, é uma vantagem competitiva fundamental para as companhias que atuam no setor sucroalcooleiro, explica André Trucy, futuro diretor presidente da Tereos Internacional. "O fluxo de caixa da atividade de amidos é mais

constante, o que ajuda a sustentar a produção de açúcar e álcool, que é mais intensiva de capital e com maior volatilidade no fluxo de caixa", completa Duval.

Este é o perfil de multinacionais que entraram com avidez no setor. É o caso da Bunge, que incorporou os ativos da Moema no fim do ano passado e que tem em seu portfólio produtos como óleos vegetais, margarinas, farinhas, ração e fertilizantes. É também o modelo de negócio da francesa Louis Dreyfus, que comercializa desde suco de laranja até café, energia, arroz, algodão.

Duval destaca como ponto forte da nova empresa o portfólio de produtos de maior valor agregado. O executivo vê nesse aspecto uma importante possibilidade de ganhos de sinergia. No Brasil, explica Trucy, a Guarani não produz álcool premium, usado em bebidas. "Vemos uma oportunidade de produzir esse tipo de álcool nas nossas unidades no Brasil", diz Trucy. Ainda, continua ele, há alguns ingredientes alimentícios produzidos na Europa a partir do trigo que podem ser feitos a partir do açúcar no Brasil.

Grupos estrangeiros avançam em MG – Valor Econômico – Agronegócios – 30/03/2010

A participação do capital externo na produção de cana-de-açúcar em Minas Gerais aumentou de 15,1% para 23% nas duas últimas safras, conforme levantamento do Sindicato da Indústria do Açúcar e do Álcool em Minas Gerais. Na safra 2007/08, cinco grupos estrangeiros colheram cerca de 5 milhões de toneladas. No ciclo 2009/10, a estimativa é que a moagem das empresas estrangeiras fique em 11,7 milhões no Estado, com a participação de oito grupos.

"O investimento no setor está se dando agora principalmente por meio de aquisições e as empresas de capital estrangeiro, com as propostas de compra, oferecem uma saída à falta de investimento para os produtores que estavam excessivamente alavancados", comentou o presidente do sindicato, Luiz Custódio Cotta Martins. O empresário prevê uma nova onda de aquisições com a decisão do grupo Tereos em centralizar suas atividades no Brasil. "Eles já sinalizaram que vão comprar mais", afirmou.

A produção de cana no Estado manteve a expansão e na safra 2009/10 resultou em uma colheita de 50,9 milhões de toneladas de cana, ou 2,9 milhões acima da previsão divulgada pelo sindicato há um ano. Para 2010/11, a previsão é de que se consiga 56 milhões de toneladas. É um crescimento exponencial: há oito anos, a safra foi de 15,5 milhões de toneladas. Diminuiu a concentração da produção no Triângulo Mineiro, de 70% para 66% do total da safra nos dois últimos anos.

De acordo com Cotta Martins, Minas Gerais tornou-se o segundo maior produtor brasileiro tanto de açúcar quanto de etanol. A produção de açúcar no ano passado ficou em 2,684 milhões de toneladas, ultrapassando as 2,4 milhões registrados no Paraná e atrás das 20,6 milhões de toneladas produzidas em São Paulo.

A de álcool, por sua vez, alcançou 2,281 milhões de metros cúbicos, acima dos 2,196 milhões obtidos em Goiás e atrás dos 14,616 milhões de metros cúbicos de São Paulo.

"A produção no próximo ano deve crescer mesmo sem a renovação dos canaviais ou o início de novos projetos, porque o ritmo de chuvas deve ser menor e isso deve aumentar a produtividade por canavial", afirmou Cotta Martins. O empresário afirma, ainda, que houve uma sobra de cana-de-açúcar do ano passado que poderá atingir até 3 milhões de toneladas. Três novas usinas devem entrar em operação na temporada que se inicia: a Vale do Tejuco, em Uberlândia, a Bevap, em João Pinheiro, na porção noroeste do Estado, e a Aroeira, em Tupaciguara, na região do Triângulo Mineiro.

São Martinho expandirá usina em GO – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 30/03/2010

O grupo São Martinho, um dos principais sucroalcooleiros do país, anunciou ontem que decidiu aportar mais recursos para ampliar sua unidade alcooleira de Boa Vista, localizada no município de Quirinópolis (GO).

Em reunião do conselho de administração realizada na segunda-feira, foi decidido que, em vez de investir R\$ 90 milhões para ampliar a moagem de 2,5 milhões de toneladas de cana para 3,4 milhões, o custo-benefício será melhor se o aporte for um pouco maior. Serão, portanto, R\$ 145 milhões, mas para incrementar a capacidade de moagem para 4 milhões de toneladas em 2011/12.

Além da expansão da capacidade de moagem, a Boa Vista também terá etanol anidro, além do hidratado já produzido. A expectativa, de acordo com comunicado da companhia, é de que o etanol anidro chegue a um terço da produção total da unidade na temporada 2011/12.

A Boa Vista foi projetada para atingir até 7 milhões de toneladas da capacidade de processamento de cana e produzir apenas álcool. Foi inaugurada em setembro de 2008, com participação de 90% do grupo São Martinho e 10% da Mitsubishi Corporation. Em novembro passado, o grupo brasileiro comprou a fatia japonesa por US\$ 14,07 milhões. O contrato de fornecimento de etanol à empresa estrangeira foi mantido. No ciclo 2010/11 o volume será de 30 milhões de litros, o equivalente a 5% da produção da companhia brasileira que foi de 595 milhões de litros na temporada 2009/10.

Apesar de ser a única usina do grupo a não ter açúcar em seu mix, a usina Boa Vista também adquiriu, de certa maneira, alguma flexibilidade, após a parceria com a americana Amyris. Em 2011/12, quando estiver processando as 4 milhões de toneladas de cana, a unidade estará destinando 2 milhões de toneladas para a fabricação de especialidades químicas.

No início deste ano, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) aprovou financiamento de R\$ 288,6 milhões para ampliar a

capacidade da unidade de 2,25 milhões para 3,4 milhões de toneladas de cana na safra 2011/12.

Na safra 2009/10, todas as três usinas do grupo São Martinho moeram 13 milhões de toneladas de cana, ante as 11,9 milhões de 2008/09. Na safra 2010/11, já iniciada, a expectativa da empresa é de crescer a moagem em 1 milhão de toneladas somente com ganhos de eficiência das unidades já existentes.

Na safra 2009/10, foram produzidos 595 milhões de litros de álcool, ante os 674 milhões de litros do ciclo anterior e 702 milhões de toneladas de açúcar, acima das 555 milhões de toneladas da temporada 2009/10, no entanto, abaixo da meta de 720 milhões de toneladas previstos inicialmente.

Biodiesel

Brasil Ecodiesel tem prejuízo reduzido para R\$ 88,49 mi – Eduardo Rodrigues - Folha de São Paulo – Dinheiro – 24/03/2010

O aumento de vendas de biodiesel nos leilões oficiais no segundo semestre de 2009 reduziu o prejuízo da Brasil Ecodiesel no ano para R\$ 88,49 milhões. Em 2008, o resultado negativo chegou a R\$ 136,48 milhões. O resultado, no entanto, não foi suficiente para evitar um novo prejuízo anual que, no ano passado, fez a empresa recorrer a uma capitalização na Bolsa de Valores. "A companhia viveu uma virada em 2009 e os números mostram a consolidação da reestruturação financeira e operacional", afirmou o diretor de Relacionamento com Investidores, Charles Mann de Toledo. Com o novo direcionamento estratégico, duas usinas no Nordeste chegaram a ser desativadas, possibilitando reduzir ainda mais o prejuízo, para R\$ 11,89 milhões. No entanto, a ANP (Agência Nacional do Petróleo) suspendeu o Selo Combustível Social da companhia no início do mês. Sem a certificação, a empresa não pode participar dos leilões voltados para o biodiesel produzido pela agricultura familiar.

Mais biodiesel – Valor econômico – Agronegócios – 02/03/2010

A Petrobras deu partida ontem às obras de duplicação de sua usina de biodiesel em Candeias, na Bahia, que exigirão investimentos de R\$ 66 milhões. Inaugurada em julho de 2008, a unidade nasceu com capacidade para produzir 57 milhões de litros de biodiesel por ano, já chegou a 108,6 milhões e agora deverá

atingir 217,2 milhões de litros anuais, segundo informações da Petrobras. Candeias abriga a primeira das três plantas de biodiesel da estatal. As outras duas, situadas em Quixadá (CE) e Montes Claros (MG), também foram alvo de projetos de ampliação. "Estamos construindo um combustível do futuro e envolvendo a agricultura familiar nesta atividade", diz José Sergio Gabrielli de Azevedo (à esquerda na foto ao lado), presidente da Petrobras, em comunicado distribuído pela empresa. "Vamos iniciar um grande programa de estruturação produtiva do solo que contribuirá para o aumento de produtividade de oleaginosas", afirma Miguel Rossetto, presidente da Petrobras Biocombustível (à direita na foto), no mesmo comunicado. Atualmente, 27,5 mil agricultores familiares da Bahia e de Sergipe fornecem oleaginosas para a unidade de Candeias. Desde 1º de janeiro, vigora no país o percentual de mistura de 5% de biodiesel no diesel.

POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS

Etanol

CPFL investe em biomassa para geração de energia – Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 12/03/2010

A CPFL vai anunciar, na próxima terça-feira, um novo projeto de geração de energia elétrica de biomassa de cana-de-açúcar.

A informação é do vice-presidente de geração de energia da companhia, Paulo Cezar Tavares.

Segundo ele, esse será o maior projeto de biomassa da CPFL e vai englobar três usinas de açúcar e etanol de um mesmo grupo de capital nacional.

“A energia a ser produzida nesse projeto será superior à soma de nossos dois projetos em andamento, na Usina Baldin, em São Paulo, e na Usina Baía Formosa, no Rio Grande do Norte.”

Desde meados da década passada, a CPFL vem se associando a usinas do setor em investimentos de produção de energia produzida a cana. “Começamos nosso relacionamento comprando excedente de usinas do interior paulista. Depois, passamos a investir na construção de linhas de conexão e subestações para essas usinas.

Recentemente, passamos a investir na modernização de usinas para alavancar a produção de energia produzida da queima do bagaço.” Nesse processo, o acordo é feito com a CPFL investindo na troca das caldeiras, construção de casa de força, conexão e subestações, e sua remuneração é feita por meio do excedente de energia.

Na segunda quinzena de abril entra em operação a primeira usina em que a CPFL investiu nesse “retrofit”. Localizada em Pirassununga (SP), a Usina Baldin recebeu investimentos de R\$ 105 milhões e terá capacidade instalada de 45 MW, das quais a CPFL poderá comercializar 20 MW. “A usina entra em operação em abril com um excedente de cerca de 14,3 MW, mas a expectativa é atingir 23,6 MW em 2017”, disse Tavares. Segundo ele, a expansão da produção de energia está vinculada à produção de cana, já que a matéria-prima é o bagaço.

Praticamente toda energia gerada pela Baldin já foi vendida.

Segundo Tavares, a comercialização foi feita quase toda no mercado livre. “Temos uma clientela grande, com demanda por essa energia. Isso fez com que não precisemos utilizar, até o momento, os leilões de energia de forma significativa.” O executivo explica que os contratos fechados são de longo prazo, entre 8 a 10 anos.

O segundo projeto teve início em novembro de 2009, na Usina Baía Formosa (RN). Com investimentos de R\$ 130 milhões, a usina terá uma capacidade instalada de 40 MW, com excedentes de 16 MW. A operação deve ser iniciada em julho de 2011. “Com esses projetos e mais o que será anunciado na terça-feira já teremos mais de 100 MW de capacidade instalada.

Queremos atingir os 500 MW até 2015.” ●

Álcool recua e volta a ser competitivo em SP – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – 08/03/2010

Preço do combustível nas usinas já acumula queda de 22% em seis semanas, mas nos postos a queda é lenta e fica em apenas 5%

Modo de dirigir e modelo do carro também interferem na paridade ideal entre os dois combustíveis; especialistas do setor recomendam testes

O álcool voltou a ser competitivo em relação à gasolina em São Paulo. Isso ocorre depois de dois meses de desvantagem, quando a falta de produto provocou forte aceleração nos preços do combustível renovável. Essa tendência se estenderá por outras regiões do país, uma vez que o preço do álcool hidratado -o que vai diretamente no tanque- está despencando nas usinas. Só na semana passada, a queda foi de 6,15%, acumulando 22,4% em seis semanas. Rápida nas usinas, a queda é lenta nos postos. Os preços só começaram a cair para os consumidores há três semanas, e a queda é de 5,3%. Os dados das usinas são do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) da Esalq/USP. Já os das bombas são da Folha, que realiza semanalmente uma pesquisa de preços em 50 postos de combustível de São Paulo. Em alguns postos paulistanos, a paridade já é bem vantajosa para o álcool, com o produto custando apenas 60% do valor da gasolina. Na média, a pesquisa indica que o preço médio do álcool recuou para R\$ 1,787 por litro na semana passada, 70% do custo da gasolina, que está em R\$ 2,537. O consumidor deve ficar atento, no entanto, aos preços praticados nos postos onde costuma abastecer. A Folha apurou que alguns postos ainda comercializam o álcool a R\$ 1,999 por litro, o que dá uma paridade de 75% em relação ao valor da gasolina cobrado por esses estabelecimentos. Alguns postos, no entanto, foram mais rápidos na reposição da queda praticada pelas usinas e comercializam o álcool a R\$ 1,499 por litro. O percentual de 70% de paridade não é o único fator a que o consumidor deve ficar atento. O modelo de carro e o modo de dirigir também influenciam. Especialistas recomendam que os consumidores façam teste com o próprio veículo para saber a paridade ideal. Alguns veículos são vantajosos até com uma paridade de 75% na comparação entre álcool e gasolina. Outros, com percentual inferior a 70%. A alta acelerada nos preços do álcool nas usinas no início deste ano se deu devido à ocorrência de uma safra atípica em 2009, diz Antonio Padua Rodrigues, da Unica, entidade que congrega as usinas. Houve grande oferta de produto no início de safra, o que derrubou os preços e gerou demanda. No segundo semestre, o excesso de chuva dificultou a colheita, e a oferta caiu.

No início deste ano, o abastecimento ficou complicado. As usinas tinham pouco produto para ofertar e chegaram a negociar o álcool a R\$ 1,2055 por litro. O combustível chegou a superar R\$ 2 nas bombas de postos de São Paulo. Assustada com os preços, parte dos consumidores migrou para a gasolina, derrubando o consumo, que recuou para 25 milhões de litros por dia em fevereiro no centro-sul,

metade dos 50 milhões de litros do período de pico de consumo. Para Padua, o consumidor é quem determina os preços. Assim como ele saiu do mercado quando houve alta, deverá voltar quando a safra começar a tomar um ritmo mais forte. Isso deve ocorrer no final de março e início de abril. "O problema é que o preço, de novo, pode ficar muito volátil", diz Padua. Para ele, a volatilidade é boa, mas, quando exagerada, como a de 2009, torna-se um problema. As usinas não repõem os custos de produção e o consumidor se acostuma com valores fora do normal.

Energia limpa não pode ser só retórica, afirma especialista – Folha de São Paulo – Ciência – 20/03/2010

Aldo Vieira da Rosa, 92, professor de engenharia elétrica em Stanford, diz que "fala-se muito" e "faz-se pouco" na área

Brasileiro autor de livro de referência em tecnologia energética é admitido na Ordem Nacional do Mérito Científico

"Hoje, fala-se muito sobre energia renovável, mas não se faz muito". Na opinião de Aldo Vieira da Rosa, 92, professor de engenharia da Universidade Stanford, na Califórnia, esse é um dos problemas impedindo o avanço das tecnologias que podem ajudar a substituir o uso combustíveis fósseis que alimenta o aquecimento global. Autor de um livro tido como referência no estudo de energia renovável, Rosa acaba de ser admitido na Ordem Nacional do Mérito Científico no Brasil. O cientista, que é brigadeiro da Aeronáutica e foi presidente do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), escreveu "Fundamentals of Renewable Energy Processes" (Fundamentos dos Processos de Energia Renovável), livro que saiu em segunda edição em 2009 e está ganhando popularidade. Pioneiro da pesquisa espacial no Brasil, ele deve receber seu novo título, concedido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ainda neste ano. Hoje professor emérito de engenharia elétrica em Stanford, Rosa ministra um curso que está cada vez mais popular na universidade, com cerca de 60 alunos matriculados por trimestre, além de ouvintes.

"Eu explico a eles a parte teórica de como esses processos funcionam. Explico, por exemplo, como biodiesel e álcool são feitos. Mostro os princípios básicos que levam a eles", conta. "A ideia básica é que, para resolver problemas de energia, são precisos 10% de ciência e 90% de economia, política etc. Mas, sem esses 10% da ciência, não dá para discutir nem a economia nem a política." Antes de pesquisar energia, Rosa foi pioneiro da física espacial no Brasil e um dos criadores da Conae (Comissão Nacional de Atividades Espaciais), em 1961 -que mais tarde viria a se tornar o Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), em São José dos Campos (SP).

Transistor

Como pesquisador e diretor do CTA (Centro Técnico Aeroespacial), o cientista foi também um dos primeiros brasileiros na linha de frente de uma revolução na

eletrônica.

"Na década de 1950, tinham acabado de inventar o transistor, e nós achávamos que o Brasil devia também começar investigações nessa área", conta. "Iniciamos então um esforço grande para localizar fontes de germânio e gálio, que pareciam ser os elementos mais importantes para isso. Hoje eles ainda são usados, mas o silício domina completamente o campo dos transistores. Foi uma decisão não muito correta nossa, mas pudemos formar pessoas para trabalhar na área." Quando ainda era aviador, Rosa foi piloto de teste do helicóptero Beija Flor, desenvolvido em 1959 no Brasil por Henrich Focke, criador do primeiro helicóptero com autonomia de voo. Foi Rosa quem localizou Focke na Holanda em 1952 ("ele era um dos poucos projetistas alemães que não foram nem para a Rússia, nem para os EUA depois da guerra"), e o convenceu a vir para o Brasil. "Ele veio junto com os 123 engenheiros que constituíam a turma dele na Alemanha", conta. Após desenvolver dois protótipos do Beija Flor, Focke voltou à Alemanha. Foi depois disso que Rosa assumiu a direção do Inpe e do CNPq, onde ficou até 1965, ano em que foi para a Universidade Stanford.

Recordes

Além do reconhecimento científico, Rosa experimentou sucesso no esporte. Em 2002, bateu vários recordes mundiais de natação na categoria sênior para atletas de 85 a 89 anos de idade. Dois deles -200 metros medley e 200 metros peito- ainda não foram superados.

Sobre sua admissão na Ordem Nacional do Mérito Científico, Rosa -que ainda nada 2.700 metros por dia- se diz surpreso. "Acho um pouco fora me botarem em companhia de nomes muito ilustres, dos quais não chego nem perto", afirma. "Os amigos fazem essas coisas conosco, e nós ficamos um pouco encabulados."

Ritmo de recuo do álcool é menor nas usinas e maior nos postos – Mauro Zafalon – Estado de São Paulo – Dinheiro – 20/03/2010

O álcool tomou dois caminhos nesta semana no mercado paulista: diminuiu o ritmo de queda nas usinas, mas acelerou o ritmo nas bombas dos postos. Pesquisa da Folha em 50 postos da cidade de São Paulo indicou que os preços médios praticados na capital já recuaram para R\$ 1,622 por litro -queda de 5% na semana. Tomando como base os preços médios do álcool e os da gasolina -que está em R\$ 2,505 por litro-, o álcool já custa apenas 65% do valor da gasolina na capital paulista. Há um mês estava em 73%, o que tornava os preços da gasolina mais competitivos do que os do álcool. Acima de 70%, o álcool deixa de ser vantajoso. Apesar da aceleração da queda de preço nos postos, os consumidores precisam ficar atentos ao abastecer seus veículos. O ritmo de queda é bem diferente de uma rede de abastecimento para outra. O álcool hidratado já caiu para R\$ 1,399 por litro em alguns postos, mas há redes ainda praticando preços elevados. Uma delas, que comercializa o litro do hidratado a R\$ 1,799, diz que ainda tem estoques elevados do produto adquirido no período de alta nas usinas.

Sinal

"Esses preços já são um sinal de ajuste do mercado", diz Antonio de Padua Rodrigues, diretor da Unica (União da Indústria de Cana-de-açúcar). O álcool ficou competitivo, a demanda cresceu, mas a oferta de produto ainda é pequena, na avaliação dele. A pesquisa semanal do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP, indicou que o preço do álcool hidratado recuou para R\$ 0,8139 por litro nesta semana, 1,6% menos do que na anterior. Já o anidro caiu para R\$ 0,9375 por litro, com recuo de 6,5%. Esses preços não contêm impostos. O pico de preço do álcool hidratado foi de R\$ 1,2055 por litro em meados de janeiro passado. De lá para cá, a queda acumulada é de 33%. Já nas bombas, a queda começou há cinco semanas e atinge 14%.

Usina quer volta de 25% de álcool na gasolina – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro- 30/03/2010

Retorno do percentual está previsto para maio, mas Unica, em cenário de queda de preço, quer antecipar mudança para meados de abril

Governo reduziu mistura para 20% em fevereiro devido à alta do álcool; ministro da Agricultura não vê problema em antecipação

Apenas 5% das usinas iniciaram a safra 2010/11 de cana-de-açúcar na região centro-sul. A oferta de produto novo no mercado ainda é restrita, ficando próxima de 200 milhões de litros por quinzena, mas os preços não param de cair. Após ter atingido R\$ 1,2055 por litro em meados de janeiro na porta das usinas -valor sem impostos-, o álcool hidratado recuou para R\$ 0,7572 na semana passada, com queda de 39% em nove semanas. A queda nos postos, em geral sempre lenta, também vem mostrando um ritmo forte, totalizando 19% em seis semanas. O litro do álcool hidratado, que chegou a ser negociado a R\$ 1,799 em alguns postos de São Paulo, já pode ser encontrado por R\$ 1,249. Na média, os preços da cidade de São Paulo ainda estão em R\$ 1,528, conforme pesquisa da Folha. Diante desse cenário, as usinas querem a antecipação da volta dos 25% de mistura do álcool anidro à gasolina, o que garantiria a ampliação da demanda do combustível. Em fevereiro, devido à alta dos preços do produto, a mistura de álcool anidro foi reduzida de 25% para 20% pelo governo. O objetivo era inibir a escalada de preços do combustível. O governo estipulou o retorno dos 25% para o início de maio. Antonio de Padua Rodrigues, diretor técnico da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), diz que a antecipação elevaria a demanda de álcool anidro -o que é misturado à gasolina- em 100 milhões de litros por mês. Na sua avaliação, esse volume extra de demanda seria importante, já que mais usinas devem iniciar a safra nas próximas semanas, elevando a oferta. "Se houver a antecipação para meados de abril, as usinas já estão preparadas para abastecer o mercado."

O ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, diz não ver nenhum problema na volta da mistura de 25% para a data sugerida pelo diretor da Unica.

Segundo Rodrigues, o que ocorre com o mercado atualmente não tem sentido. "A oferta de álcool é reduzida, e os preços não param de cair." As usinas temem a repetição do que ocorreu em 2009, quando, apertadas pelas contas e pela falta de crédito, foram obrigadas a desovar o excesso de produto no mercado nos primeiros meses da safra. O resultado foi que o álcool hidratado chegou a ser negociado a R\$ 0,5926 na média semanal do final de maio, valor que não cobria os custos. A redução atual de preços ocorre mesmo após a queda de 7% na produção anual da região centro-sul em 2009/10. Segundo a mais recente estimativa da Unica, a produção da safra que se encerra é de 23,3 bilhões de litros. O setor deve conviver com dois fatores de aumento de produção neste ano: recuperação da qualidade da matéria-prima e entrada de novas usinas em operação. A produção da região centro-sul deve atingir 27,6 bilhões de litros na safra que se inicia, conforme estimativas do Instituto FNP. Quando o preço do álcool disparou, perdeu competitividade em relação ao da gasolina. Com a queda atual de preços, o produto voltou a ser vantajoso, mas o consumidor ainda não utiliza a mesma quantidade de antes em seus veículos. De julho a outubro, o consumo médio diário somava 50 milhões de litros, volume que caiu para 25 milhões em fevereiro. Na primeira quinzena deste mês, estava em 32 milhões, e a previsão é que termine o mês em 39 milhões.

Japoneses voltam a discutir mistura de 10% de etanol – Valor econômico – Agronegócios – 002/03/2010

A associação que representa o setor automotivo no Japão (Jama, na sigla em inglês) surpreendeu na última semana ao endossar em sua publicação institucional a adoção de um percentual de mistura de 10% de etanol na gasolina. Desde 2003, a legislação japonesa permite uma mistura facultativa de até 3%. O reconhecimento da associação - equivalente à Anfavea no Brasil - reabre a discussão sobre o potencial do consumo japonês de etanol do Brasil. Uma mistura a 10% significaria um mercado de 6 bilhões de litros por ano para o biocombustível.

Não é de hoje que as empresas brasileiras olham essa perspectiva no Japão. Por isso, quando consideram parcerias internacionais, os japoneses são muito bem-vindos. A ETH Bioenergia, do grupo Odebrecht, tem associação estratégica com a empresa nipônica Sojitz Corporation, que detém 33% da ETH. A multinacional Bunge, que recentemente comprou as usinas do grupo Moema e que tem explícita a estratégia de deter 100% dos negócios que faz, não abre mão, no entanto, da parceria com a trading japonesa Itochu, com a qual tem sociedade na usina Santa Juliana, no Triângulo Mineiro - a Itochu tem 20% da indústria - e também investimentos conjuntos em um projeto em Tocantins.

Apesar de ser permitida a mistura de até 3%, não se sabe quanto o mercado de fato tem praticado no Japão, segundo Alfred Szwarc, consultor em tecnologia e emissões da União da Indústria de Cana-de-açúcar (Unica). "Algumas pequenas distribuidoras misturam 3%. Mas, a maior parte das exportações de etanol do Brasil

para o Japão é para indústria química", explica Szwarc. No ano passado, foram 282 milhões de litros, 8,5% do que o Brasil embarcou.

A forte oposição na indústria automotiva do Japão vinha da montadora Toyota, que agora passa por um dos momentos mais difíceis da sua história ao anunciar um recall que envolve milhões de veículos. "Eu acho que as perspectivas começam a melhorar agora com esse posicionamento das montadoras japonesas. Muitos países já usam há alguns anos a mistura de 10%", diz Szwarc.

A posição da Jama, no entanto, não especifica o tipo de etanol, apesar de trazer especificações nas quais o produto do Brasil se enquadra. Ontem, a Mitsui Engineering & Shipbuilding (MES), uma das companhias líderes da indústria pesada do Japão, anunciou a assinatura de um acordo de licenciamento de tecnologia com a Inbicon, empresa dinamarquesa que desenvolve tecnologia de etanol celulósico. Com o acordo, a Mitsui passa a deter o direito de construir refinarias de biomassa no Sudoeste da Ásia com a tecnologia da Inbicon. A Mitsui pretende aplicar a tecnologia na indústria de óleo de palma, onde os resíduos da produção podem ser convertidos em etanol, biocombustível sólido para a produção de energia e ração animal. (FB)

Dilma defende capital nacional no etanol – Ana Paula Grabois e Vandson Lima – Valor Econômico – Política – 11/03/2010

A ministra Dilma Rousseff (Casa Civil), pré-candidata à Presidência pelo PT, defendeu ontem o fortalecimento do setor nacional produtor de cana-de-açúcar, durante a Feira de Negócios do Setor de Energia (Feicana). O segmento tem enfrentado a concorrência de empresas estrangeiras no país, como a fusão entre a Shell e a Cosan. Dilma disse ver o negócio com naturalidade, diante da alta produtividade do segmento.

"Isso representa o processo de lucratividade do setor. Agora, isso não significa que o governo não acredite que o setor tenha que ser reforçado. O governo vê como muito importante o reforço aos nossos grupos privados nacionais", disse Dilma, durante o lançamento da licitação para a construção de embarcações que irão transportar etanol na hidrovía Tietê-Paraná pela Transpetro, subsidiária da Petrobras.

A ministra não quis especificar se existe a intenção de que o governo passe a ter participação no negócio da produção, por meio da Petrobras ou do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), mas citou que o governo pode fortalecer o setor do etanol ao aumentar a oferta de crédito e ao facilitar o acesso à tecnologia. Para Dilma, os grupos nacionais serão "estratégicos para esse salto que o setor dará nos próximos anos". Segundo a ministra, o BNDES tem apoiado mais o setor. O banco emprestou R\$ 6,5 bilhões ao segmento em 2009, assim como em 2008.

Na crise internacional, no segundo semestre de 2008, o BNDES, segundo Dilma, ofereceu capital de giro e "garantiu que não houvesse calamidade" no setor

privado de etanol. Durante discurso para políticos locais e associações de empresários de etanol da região, Dilma reiterou a importância do setor para o país.

A ministra, que deixará o governo para entrar em campanha em abril, também sairá da presidência do Conselho de Administração da Petrobras. Seu substituto deve ser do próprio conselho, mas o nome não foi divulgado. A ministra admitiu o erro sobre o número que citou, na segunda-feira, sobre investimentos da Petrobras até 2010 e o divulgado pela estatal, mas minimizou suas consequências. "Não me deram o número exato e eu disse R\$ 85 bilhões. Isso não tem a menor importância porque o valor exato constava no plano. O próprio mercado sabe do plano", afirmou Dilma.

Dilma evitou comentar a declaração do presidente Luiz Inácio Lula da Silva comparando os presos políticos em Cuba a presos comuns. "Vocês não vão me tirar aqui uma crítica ao presidente nem que a vaca tussa. Sou completamente favorável ao que Lula fez na política externa. Mais do que ele disse, é o que ele fez."

Em Cubatão, também no interior paulista, Lula criticou o governador de São Paulo, José Serra (PSDB), principal rival de Dilma, sem citá-lo nominalmente. Ele ironizou o fato de Serra ter inaugurado uma maquete, na terça-feira. Na ocasião, o governador promoveu evento no litoral para apresentar o projeto, ainda sem licitação, de ponte que ligará as cidades de Santos e Guarujá. "No meu governo criamos 950 mil novos empregos de carteira profissional assinada... Vou repetir essas coisas porque estamos em um ano de campanha e percebemos que tem gente inaugurando até maquete, e nós queremos mostrar como é que as coisas acontecem neste país", disse Lula na inauguração de uma termelétrica.

A ministra, que discursara antes, mirou na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Recebida em Cubatão aos gritos de "olê, olê olê olá, Dilma, Dilma" e bandeiras do PT circulando entre os funcionários da Petrobras presentes à cerimônia, Dilma relacionou o apagão ocorrido no país em 2001, gestão de FHC, com a falta de investimento na construção da termelétrica agora inaugurada: "O projeto dessa termelétrica data de 1996, se não me engano, uma das turbinas estava comprada (...) Obras como essa não são obras quaisquer, senão teriam feito em 96, 98 ou 99. O Brasil não tinha energia para abrir um shopping, uma padaria, tampouco fábricas".

A construção de termelétricas é uma proposta também defendida pela adversária de Dilma na disputa presidencial, a senadora Marina Silva (PV-AC). Em entrevista ao **Valor**, no dia seguinte ao blecaute, em novembro do ano passado, a senadora Marina Silva (PV-AC) afirmou que a única prevenção possível para o problema é diversificação da matriz energética brasileira. Dilma, no discurso, foi categórica: "Por que gerar gás? Porque nós temos compromisso com o meio ambiente".

O calor intenso na cidade de Cubatão levou o presidente, camisa branca encharcada de suor e gravata com listras verdes e amarelas, a fazer troça com os presentes: "Eu estou aqui sem aguentar o calor. Seria melhor se estivéssemos na beira da praia a esta hora, uma cervejinha gelada, com a ponta dos pés batendo dentro da água (...) De qualquer forma, como a gente não inaugura uma termelétrica todo dia, merecemos sofrer um pouco com o calor".

Enquanto contabilizava as universidades e escolas técnicas inauguradas em sua gestão, Lula disse como espera que a ministra, ali presente, seja eleita sua sucessora: "A companheira Dilma que se prepare, porque é preciso fazer muito mais. Se eu fiz 214 (universidades), tem que fazer 300, 400, porque nós temos uma dívida secular com a educação brasileira".

Por fim, Lula fez um apelo ao presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, sobre o impasse que levou o Brasil a divulgar lista de retaliação a produtos norte-americanos, em resposta ao descumprimento daquele país à determinação da Organização Mundial do Comércio (OMC) pelo fim do subsídio ao algodão: "O Brasil não tem interesse em confrontação com os Estados Unidos. Mas o Brasil tem interesse que os EUA respeitem as decisões da OMC. Ou obedecemos as instituições multilaterais ou o mundo vai ficar desgovernado".

Energia solar no Brasil – Paulo Henrique Assis Feitos – Valor Econômico – Opinião – 24/03/2010

Proinfa não contemplou o financiamento da geração de energia fotovoltaica

O fato de possuir uma matriz energética limpa faz com que o Brasil corra o risco de perder grandes oportunidades geradas pelas tecnologias que permitirão a transição para uma economia de baixo carbono, como as células fotovoltaicas que transformam a radiação solar em eletricidade. A energia solar fotovoltaica desempenha um importante papel nessa transição se observado seu potencial de abatimento de emissões. Outros papéis fundamentais são o suprimento de parte da crescente demanda mundial de energia, na diversificação de matrizes energéticas nacionais e no aumento da segurança energética dos países, diante dos riscos de fornecimento das energias convencionais.

Ao longo das três últimas décadas, a energia solar fotovoltaica apresentou um aumento significativo da sua eficiência e rentabilidade por meio de inovações e experiências adquiridas na sua produção, entretanto, ainda possui um custo maior em relação às principais fontes de energia. Nos próximos anos, os custos de produção alcançarão um nível de US\$ 1 por watt, tornando-a competitiva em relação a fontes convencionais na geração de eletricidade como, por exemplo, o carvão. Essa tendência de queda nos preços é guiada pelo amadurecimento de uma nova geração de células fotovoltaicas baseadas em nanomateriais, que vem sendo desenvolvidas por uma série de companhias dotadas de capital de risco e dispostas a concorrer com o design dominante do mercado mundial de petróleo.

Em relação a outras fontes igualmente renováveis, a vantagem competitiva da energia fotovoltaica é dada pela ampla gama de possibilidades de aplicações a partir de inovações tecnológicas. Avanços recentes permitem o surgimento de diversos equipamentos eletrônicos dotados de células fotovoltaicas que geram a energia que consomem. Na emergente indústria de carros elétricos, com a crescente necessidade de desenvolver combustíveis de baixo carbono, o desafio é que os veículos produzam sua energia a partir dessas células. Outra perspectiva está na construção civil com o

desenvolvimento de edifícios, telhados e janelas com painéis integrados, seguindo as diretrizes estabelecidas pelas green buildings.

Experiências de países como Alemanha, Dinamarca e Espanha mostram que apesar da existência de barreiras financeiras a adoção de fontes renováveis de energia é plenamente viável com a criação de programas bem estruturados de incentivos governamentais, lembrando que sua concepção exige uma mudança radical na forma usar, distribuir e consumir energia. Esses esforços tem se materializado em ações práticas de eliminação gradual das fontes poluidoras e não sustentáveis de energias, na implementação de constantes soluções renováveis e na desvinculação gradual do crescimento econômico do consumo de combustíveis fósseis.

Fato em comum dessas experiências é ser resultado de leis de incentivo, como as "feed-in tariff", que tem se transformado no principal mecanismo de desenvolvimento de tecnologias para geração de energia renovável na Europa, especialmente a solar fotovoltaica interligada à rede elétrica. Com esse mecanismo o governo estabelece uma tarifa para que a concessionária de distribuição de energia elétrica pague por kWh de energia limpa produzida, suportando grandes mercados de energia renovável a um custo que acaba sendo distribuído entre todos os consumidores de eletricidade.

Até o momento o Brasil não dispõe de mecanismos institucionais efetivos para o desenvolvimento de um mercado de energia solar fotovoltaica e o Proinfa - principal programa federal de incentivo à promoção de fontes alternativas de energia elétrica - não contemplou a possibilidade de financiar a geração de energia fotovoltaica. Essa decisão ignorou o acesso privilegiado do Brasil a essa fonte de energia, tendo em vista que o país está localizado numa faixa de latitude na qual a incidência de radiação solar é muito superior à verificada no restante do mundo. Essa radiação garante que a região mais favorecida em termos de radiação solar na Alemanha apresente, aproximadamente, 1,4 vezes menos radiação do que a região menos ensolarada do Brasil.

Dentre outras oportunidades identificadas para o país ao propiciar o surgimento de um mercado de energia fotovoltaica, destaca-se a redução dos impactos ambientais na produção de energia e a universalização do acesso à energia por meio da geração distribuída, considerando que sua implantação é ideal para localidades remotas ou de difícil acesso, pois sua instalação em pequena escala desobriga os grandes investimentos em linhas de transmissão.

No plano macroeconômico, o desafio é conceber um sistema nacional de ciência, tecnologia e inovação que seja capaz de aproveitar as oportunidades geradas pela próxima onda longa de desenvolvimento do capitalismo de baixo carbono. A partir desse sistema será possível estabelecer uma estratégia nacional de pesquisa e desenvolvimento que tenha como objetivo a redução da dependência de transferências tecnológicas dos países desenvolvidos. No presente, a ausência de ações efetivas já é capaz de comprometer uma maior capacitação da indústria local para suprir de forma competitiva os componentes, sistemas e softwares relacionados à tecnologia para produção de energia fotovoltaica.

Nos próximos anos, a manutenção do status quo baseada na justificativa de já possuir uma matriz energética limpa além de ser o pior cenário para a energia fotovoltaica no Brasil, reafirmaria no futuro o nosso reconhecimento como país das oportunidades perdidas. Posicionar-se nesse movimento global é constituir as bases da transição tecnológica para uma economia de baixo carbono, reduzindo externalidades negativas ao meio ambiente e proporcionando uma maior sustentabilidade do desenvolvimento econômico.

Paulo Henrique Assis Feitosa , é economista e mestrando em Economia da UFES.

Email: paulohenriquefeitosa@gmail.com

Biodiesel

Brasil Ecodiesel perde selo social e espaço em leilões da ANP - Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 06/03/2010

O Ministério do Desenvolvimento Agrário informou, ontem, que suspendeu por um ano o Selo Combustível Social da empresa produtora de biodiesel Brasil

Ecodiesel. A decisão foi publicada pelo *Diário Oficial* da União.

A decisão diz respeito a problemas verificados na empresa em 2007, quando a Brasil Ecodiesel não utilizou a porcentagem de produtos de origem de agricultura familiar pedido pela lei, que era na ocasião de 50%.

O presidente da Brasil Ecodiesel, Mauro Cerchiari, explicou que, com a suspensão, a empresa fica impossibilitada de participar dos leilões de compra de biodiesel organizados pela Agência Nacional de Petróleo Gás Natural e Biocombustível (ANP). A Brasil Ecodiesel poderia usar a produção de suas usinas Iraquara e Itaqui. Os leilões de biodiesel realizados pela Agência Nacional de Petróleo Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) são divididos em dois lotes. O primeiro, com 80% da oferta de demanda, está acessível apenas para quem possui o Selo Combustível Social – ou seja, de quem compra parte da matéria-prima de pequenos produtores. Os outros 20% do leilão estão abertos para as empresas que não possuem o selo.

Cerchiari ressalta que os advogados da empresa estão estudando a melhor maneira de recorrer da suspensão do Selo Combustível Social. A perda do certificado ocorre em um momento em que a Brasil Ecodiesel obteve o maior lucro de sua história e, no último leilão, realizado no início da semana, foi a segunda maior vendedora no leilão, com 69 milhões de litros de biodiesel, 12,2% do total.

MAMONA

O diretor de relações com investidores da Brasil Ecodiesel, Charles Mann Toledo, explica que, em 2007, a Brasil Ecodiesel investiu muito na produção

demamona para atender aos requisitos do Selo Combustível Social. “A empresa distribuiu sementes e deu assistência técnica para os produtores e fez acordos de compra da mamona”, disse. Porém, no momento da colheita, a cotação da mamona estava bem mais elevada que o preço fechado anteriormente e os produtores não quiseram entregar o produto.

Ele ressaltou que, naquele momento, os preços da mamona estavam bem mais elevados que os do biodiesel, o que tornou inviável a compra do produto nos preços pedidos pelos produtores.

“Dessa forma, a Brasil Ecodiesel deixou de entregar o percentual de produto da agricultura familiar requerido pela lei.”

Para Toledo, o grande erro foi a Brasil Ecodiesel apostar todas as suas fichas na agricultura familiar com base na produção de mamona. “Ela deveria ter diversificado sua produção e apostado em outras oleaginosas para não ficar refém da mamona”, disse. Desde junho de 2009, a nova administração da empresa, comandada por Cerchiari, conseguiu levar a empresa de volta ao lucro, tendo como base a maior utilização da soja como matéria-prima.

No terceiro trimestre de 2009, a empresa obteve seu maior lucro histórico, de R\$ 5,247 milhões. Atualmente, a empresa usa apenas soja como matéria-prima para a produção de biodiesel, abandonando os projetos de oleaginosas alternativas.

Experiências com oleaginosas são apresentadas – MDA - 25/03/2010

25/03/2010 00:00

O agricultor familiar Francisco Alves de Souza, do município de Boa Viagem, sertão do Ceará, é um dos 20 mil agricultores que, atualmente, participam do Programa de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB) no cultivo de mamona para a produção de biodiesel no Estado. Francisco iniciou o plantio em 2005 e comemora a inclusão no Programa. “Antes não sabíamos para quem vender e o preço de venda da mamona era ruim. Hoje, com o Programa de Biodiesel, temos assistência técnica, sementes. Temos para quem vender e com melhor preço”, explica o agricultor. Em média, ele produz de 1.200 a 1.300 kilos por hectare.

Francisco relatou sua experiência na manhã desta quinta-feira (25), durante o Seminário de Biodiesel: Projeto Polos de Biodiesel - Trabalho Nacional de Organização da Base Produtiva de Oleaginosas pela Agricultura Familiar. O encontro, promovido pela Secretaria de Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SAF/MDA), foi realizado no II Salão Nacional dos Territórios Rurais, que encerra hoje, em Brasília (DF).

O seminário também contou com a apresentação de outro agricultor, Raimundo Fernandes, do sertão do São Francisco, em Pernambuco. O assentado da reforma agrária explicou que ele e outros agricultores quando decidiram iniciar o plantio de mamona para o PNPB foram muito criticados. “Perguntavam como íamos plantar mamona sem chuva. Mas nós fomos à luta”, disse. Segundo Raimundo, atualmente 264 assentados participam do programa.

Programa da Biodiesel

Durante o Seminário, o coordenador de Biocombustível da SAF/MDA, Marco Antônio Leite, explicou como o PNPB evoluiu desde a sua criação, em 2005. Em julho

de 2003, a obrigatoriedade da mistura de biodiesel ao diesel era de 3%. A partir de julho de 2009, a porcentagem passou para 4%. Em janeiro de 2010, houve a antecipação para 5%, representando uma demanda de 2,5 bilhões de litros. Segundo Marco Antonio, a capacidade atual de produção é de 3,88 bilhões de litros de biodiesel. “Estamos tranquilos e podemos avançar”, avalia.

O PNPB conta, atualmente, com 45 empresas produtoras de biodiesel, das quais 27 possuem o Selo Combustível Social (SCS). O Selo é concedido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) a produtores de biodiesel que compram matéria-prima da agricultura familiar. As indústrias também têm que assegurar a assistência e a capacitação técnica aos agricultores familiares.

Hoje, participam do programa cerca de 54 mil agricultores familiares. “Nosso desafio é ter mais agricultores e empresas participando, principalmente no Nordeste”, destaca o coordenador. De acordo com ele, foram adquiridos em 2009 cerca de R\$ 500 milhões em oleaginosas produzidas pelos agricultores familiares para o PNPB. A expectativa para 2010 é alcançar cerca de R\$ 900 milhões em aquisições.

O coordenador destacou, ainda, o avanço do fortalecimento do cooperativismo. Em 2006, eram cerca de cinco cooperativas participantes do Programa. Hoje, mais de 35 participam do PNPB na inclusão de agricultores familiares na cadeia do biodiesel. “O cooperativismo é a mola propulsora deste programa”, avalia. Segundo ele as cooperativas têm um papel importante com relação aos contratos entre empresas e agricultores, no incentivo ao financiamento, na agregação de valor, na escala de produção, entre outros.

Participaram do Seminário de Biodiesel cooperativas de agricultores como a Cooperativa de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar (Coopaf), composta por 6.500 cooperados que produzem mamona. Segundo o diretor presidente da Coopaf, Érico Sampaio, foram produzidas, na safra 2008/2009, 13 mil toneladas de mamona, representando R\$ 20 milhões comercializados. Para a safra 2009/2010, a expectativa é alcançar 20 mil toneladas e R\$ 30 milhões. “Isso demonstra a viabilidade do Programa”, ressalta Érico.

MDA suspende selo social de empresas – Alexandre Inácio – Valor Econômico – Agronegócios – 08/03/2010

Durou pouco a tentativa da Brasil Ecodiesel de melhorar sua imagem junto ao mercado, após as dificuldades do ano passado e do processo de reestruturação financeira e administrativa. O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) suspendeu por um ano o Selo Combustível Social de duas das quatro usinas da empresa em operação, sob a alegação de descumprimento do critério que exigia em 2007 que pelo menos 50% da matéria-prima para a produção de biodiesel viesse da agricultura familiar.

O MDA suspendeu o selo das unidades de Iraquara (BA), Itaqui (MA), Crateús (CE) e Floriano (PI), sendo que as duas últimas não estavam mais em operação. No leilão realizado pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) na semana passada, as unidades de Iraquara e Itaqui arremataram a obrigação de vender 15 milhões e 14 milhões de litros, respectivamente.

No total, a companhia garantiu no leilão um total 69 milhões de litros - 20 milhões de litros no Rio Grande do Sul e 20 milhões em Tocantins. Com isso a Brasil Ecodiesel foi a segunda maior compradora, atrás apenas da Granol (70 milhões de litros).

Com a suspensão do selo, fica em xeque uma receita próxima a R\$ 54,3 milhões, referente a 24 milhões de litros vendidos no lote que exigia o Selo Combustível Social. Em nota divulgada na sexta-feira, a empresa informou que uma das consequências da medida será a não assinatura dos contratos de venda referentes a esse volume, adquiridos no último leilão.

Além disso, as duas unidades com selo suspenso podem deixar de vender outros 13 milhões de litros de biodiesel, referentes ao leilão anterior (16º) e que seriam entregues até o final de março. "Na segunda-feira [hoje] entraremos com um pedido de liminar para suspender essa decisão", disse Mauro Cerchiari, presidente da Brasil Ecodiesel.

A empresa considera que a punição é injusta, já que é resultado de um processo iniciado em 2007, sobre um percentual que foi alterado dois anos depois. "A agricultura familiar não tinha escala suficiente para abastecer as indústrias com 50% da demanda. O próprio MDA reconheceu isso em 2009 quando reduziu esse percentual para 30%", justifica Cerchiari.

O ministério informou que além do percentual mínimo, a não fixação de contratos com agricultores familiares e a falta de assistência técnica aos produtores foram outros critérios levados em consideração para a suspensão do selo, que se estendeu à unidade de Alto Araguaia (MT) da Agrenco e à CLV, em Colíder (MT)

Em nota, a assessoria de imprensa da Agrenco informou que "a empresa está pesquisando junto ao MDA as razões que levaram a suspensão". No caso da CLV, nenhum porta-voz foi localizado para comentar o assunto. A empresa vendeu 7,1 milhões de litros de biodiesel no último leilão da ANP.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

Etanol brasileiro é aprovado por agência dos EUA - Renée Pereira e Raquel Landim – Estado de São Paulo – economia e Negócios – 04/03/2010

O etanol brasileiro conquistou ontem a maior vitória dos últimos tempos: achancelaparaentrar nos Estados Unidos e, posteriormente, no mercado global. A Agência Americana de Proteção Ambiental (EPA) classificou o etanol feito de cana-de-açúcar como um combustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono (CO₂) em 61% comparado à gasolina.

A decisão abre um mercado para o biocombustível brasileiro nos EUA entre 15 bilhões e 40 bilhões de litros nos próximos 12 anos.

“O impacto de médio e longo prazos dessa decisão é mais importante do que uma eventual redução da tarifa de importação de etanol dos Estados Unidos”, avaliou o representante chefe da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), em Washington, Joel Velasco. As usinas nacionais trabalham há dois anos para convencer o governo americano do benefício do etanol para reduzir a emissão de gases de efeito estufa.

A nova legislação americana estabelece um consumo máximo de biocombustíveis superior a 45 bilhões de litros este ano. A previsão é elevar esse volume para até 136 bilhões de litros em 2022. Uma fatia de 80 bilhões de litros será reservada para os biocombustíveis avançados, que são celulósico, diesel de biomassa e outros. O etanol brasileiro tem agora uma fatia garantida de 15 bilhões de litros – um volume três vezes maior que todo o etanol exportado pelo Brasil em 2008.

Para ser considerado um biocombustível avançado, é preciso reduzir a emissão de CO₂ em pelo menos 40% em relação à gasolina. Além de ocupar o espaço reservado para os “outros avançados”, os usineiros brasileiros querem convencer os Estados Unidos de que o etanol de cana-de-açúcar pode ser usado também no lugar do celulósico, que ainda não tem produção comercial e deve chegar ao mercado com um custo bastante elevado.

A classificação de “avançado” é uma grande vitória para o combustível brasileiro. Antes dessa decisão, a agência americana já havia emitido uma minuta em que sinalizava que o etanol de cana reduzia em apenas 26% as emissões de CO₂. O cálculo considerava outros fatores, como o uso da terra, ou seja, o aumento da área plantada de cana deslocaria outras culturas rumo a Amazônia.

O percentual de 61% estabelecido pela EPA é o primeiro do pleito da Unica, que dizia que o etanol reduz em 72% as emissões de CO₂. O etanol de milho, por sua vez, diminui em 20% comparado à gasolina. Os produtores de milho fazem forte lobby no Congresso dos EUA por seu combustível.

Para combater esse protecionismo, a Unica montou uma estrutura, em Washington e no Brasil, com cientistas, professores e especialistas de lobby. “Boa parte da decisão dos EUA foi resultado do estudo técnico que enviamos à EPA”, disse o diretor executivo do Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Icne), André Nassar.

O primeiro passo da Unica é derrubar a tarifa de importação do etanol nos EUA, que está em US\$0,54 por galão, e expira no fim do ano.

UE vê etanol brasileiro como solução – Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia - 26/03/2010

A UE terá de importar etanol do Brasil se quiser atingir a meta de ter 5,6% de sua frota de veículos movida por biocombustíveis até 2020. A conclusão é da Comissão Europeia, que, em seu mais completo estudo sobre o tema, divulgado ontem, concluiu que a Europa não tem como produzir etanol suficiente para atingir a meta.

Além disso, se a UE tentar a autossuficiência, o impacto ambiental será grave. A estimativa dos europeus é que, até 2020, a produção de etanol no Brasil dará um salto de quase 140%.

Não se trata de uma decisão para começar a importar imediatamente.

Mas observadores apontam que o documento é o aval que faltava para se avançar na abertura do mercado europeu ao etanol brasileiro.

Segundo o estudo, a melhor opção que a UE tem hoje para se abastecer é abrir seu mercado para o Brasil. A decisão resultaria num incremento de 4 milhões de toneladas para a produção brasileira até 2020, equivalente a 15%. E, se a liberação das tarifas de importação europeias for adotada, a produção brasileira terá um aumento de 5,8 milhões de toneladas (20%).

Em 2008, os 27 países do bloco chegaram a um acordo para garantir que, em 2020, 10% do combustível seja renovável na Europa. Desse total, 5,6% viria do etanol. Isso significa que a Europa terá de consumir 17,8 milhões de toneladas a mais de etanol em dez anos.

Ambientalistas. A proposta foi atacada por ambientalistas, que acusaram Bruxelas de estar estimulando a degradação ambiental e o aumento nos preços dos alimentos. Por isso, UE decidiu fazer um levantamento.

A conclusão é que um consumo europeu acima da taxa de 5,6% em 2020 de fato afetaria o equilíbrio ecológico no mundo.

Mas não haveria risco para um volume até o teto de 5,6%.

O estudo técnico da União Europeia também conclui que a abertura de seu mercado será a melhor forma de lidar com o aumento da demanda. Com a concorrência estrangeira, principalmente brasileira, a produção europeia de etanol cairia 20% em dez anos.

Etanol nos EUA. O impacto da liberação para os Estados Unidos seria limitado.

Não provocaria alta nas vendas acima de 2,1% e poderia até perder espaço para o etanol brasileiro. Entre 2008 e 2020, a produção de etanol nos EUA crescerá 128%.

O biodiesel americano terá aumento de 193%. No Brasil, a expansão do etanol será de 139%.

Mas, na União Europeia, há ainda quem alegue que uma abertura seria negativa para países em desenvolvimento, gerando desmatamento na Indonésia e Malásia, por causa do óleo de palma usado para produzir biodiesel.

Unica contesta relatório da Comissão Europeia

A Unica, associação que representa os produtores de etanol, contesta os dados da União Europeia.

“Seria ótimo se fosse verdade, mas os erros são grosseiros”, afirma a assessora internacional, Geraldine Kutas. Se a projeção do documento fosse correta, a Europa poderia passar a importar 4,5 milhões de toneladas de etanol a mais por ano. Isso significa cerca de 10% da produção do Brasil. O relatório indica que a produção aumentaria cerca de 15% para atender o mercado europeu. Para chegar a essa conclusão o relatório cita dados que a Unica contesta. O volume de importação de etanol pelo Brasil e todas as projeções de exportações do País são contestadas.

A Unica também duvida dos cenários.

“Vai ser muito difícil que a Europa elimine totalmente os subsídios”, afirma Geraldine Kutas./

CLEY SCHOLZ

Bateria em teste promete limpar matriz energética – Ricardo Míoto – folha de São Paulo – Ciência – 13/03/2010

Criada por empresa dos EUA, célula a combustível já é utilizada em empresas

Aparato emite metade do CO₂ de uma usina térmica; seu criador, um engenheiro indiano, diz que ele livrará consumidor de distribuidora

Trabalhando por oito anos em uma sede sem nenhuma placa do lado de fora no Vale do Silício, celeiro tecnológico americano, uma empresa criou um gerador que oferece energia menos suja e pode, no futuro, livrar consumidores residenciais das distribuidoras de luz.

Por enquanto, a máquina que a Bloom Energy desenvolveu está em utilização em grandes empresas como o Google e na sede do Wal-Mart, conforme K.R. Sridhar, o indiano que preside a empresa, anunciou duas semanas atrás. Trata-se de uma nova célula a combustível, apelidada de Bloom Box -basicamente, uma bateria, só que abastecida continuamente com etanol, gás natural ou metano. Essas células liberam energia quebrando os combustíveis em água e gás carbônico - têm impacto, portanto, no efeito estufa. Mas, não fazendo combustão como um gerador tradicional (um processo que desperdiça muita energia), têm uma eficiência muito maior, emitindo apenas metade do CO₂ que emitiria uma usina termelétrica

tradicional para produzir a mesma quantidade de energia. A quebra dos combustíveis, entretanto, não acontece com facilidade. É necessário que a temperatura interna do equipamento chegue a 800C. "A essa temperatura, a célula é mais eficiente, as reações são rápidas. O problema principal é que a engenharia de materiais tem de ser bastante particular. Imagine a célula a 800C. Aí você desliga. Depois volta a ligar, e a temperatura sobe novamente. O grande obstáculo era conseguir materiais resistentes a isso. Nesse sentido o trabalho dessa empresa é empolgante", diz Fábio Lima, químico da USP em São Carlos. A Bloom Energy criou desde pequenas células, que cabem em uma mão e acendem uma lâmpada, até geradores maiores do que um carro, que suprem um andar inteiro de escritórios. Para isso, gastou mais de US\$ 400 milhões em pesquisa. O dinheiro veio de fundos de investimento de risco, que frequentemente financiam projetos no Vale do Silício. Entre os acionistas da empresa está o ex-secretário de Estado dos EUA Colin Powell. Sridhar quer que as células a combustível criadas por ele possam oferecer energia a residências. Ele comparou a Bloom Box aos computadores, que começaram em grandes empresas e depois, aos poucos, invadiram as residências. Os especialistas acham que células a combustível podem, no futuro, assumir uma fatia importante da produção mundial de energia, conforme seu custo for se reduzindo. Por enquanto, não passa de promessa: segundo a revista Forbes, cada quilowatt de capacidade da Bloom Box custa de US\$ 9.000 a US\$ 10.000, contra US\$ 2.000 a US\$ 5.000 da energia solar fotovoltaica, ela mesma considerada cara. "O potencial é grande. Vai depender dos lobbies das petrolíferas e das políticas governamentais", diz Marcelo Linardi, engenheiro químico do Ipen (Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares).

Brasil é o 6º maior investidor na área de energia renovável – Natália Paiva – Folha de São Paulo – Dinheiro – 27/03/2010

Em 5 anos, país foi um dos que mais elevaram investimento, com alta de 148%, diz relatório

Mais de 60% dos recursos destinados a energia limpa no país foram para a produção de álcool; no ranking global, China tira EUA da liderança

No ranking global dos maiores investidores em energia renovável, a China desbancou os EUA da liderança e o Brasil apareceu como o sexto maior em 2009, de acordo com dados do relatório "Who's Winning the Clean Energy Race?" [Quem está vencendo a corrida pela energia limpa], divulgado anteontem pela fundação americana Pew Charitable Trusts.

Globalmente, o investimento em energias renováveis mais do que dobrou nos últimos cinco anos -a despeito da queda de 6,6% no ano passado, reflexo direto da crise econômica.

Seguindo as diretrizes de Pequim -que vê na área uma forma de gerar empregos e fomentar uma nova indústria-, a China investiu R\$ 34 bilhões em energia renovável no ano passado, quase o dobro dos EUA (US\$ 18,6 bilhões), país que enfrenta dificuldades em aprovar legislação específica no Congresso. No Brasil, US\$ 7,4

bilhões foram para a área, mas se estima que ao menos a metade tenha ido para biocombustível.

Nos últimos cinco anos, o Brasil foi um dos que mais cresceram (148% de alta, mesma taxa que a China), mas 62% dos investimentos no período foram para a indústria do álcool. "Em eólica, o investimento poderia ser bem maior. E, enquanto na China o uso de energia solar para aquecer água já é bastante grande, aqui é praticamente negligenciado", diz o físico da USP José Goldemberg, um dos pais do Proálcool.

A energia eólica, setor dominante na maioria dos países, foi foco de 12% dos aportes realizados no Brasil entre 2005 e 2009. Mas, segundo a consultoria Bloomberg New Energy Finance -que compilou os dados para a Pew-, o montante investido na fonte cresceu 140% entre 2008 e 2009 e passou a representar 25% dos aportes em energias renováveis.

Os investimentos em eólica devem crescer ainda mais neste e no próximo ano, reflexo do primeiro leilão específico (realizado em dezembro) e do leilão de fontes renováveis programado para o meio do ano. A Bioenergy, uma das vencedoras do leilão e a primeira a vender energia eólica no mercado livre, pretende contratar 300 MW no próximo certame e, até o fim do ano, ter em mãos o desenho final de sua primeira usina eólico-solar. O modelo de venda da energia produzida a partir do calor ainda está em estudo. "Seria uma forma de investir em tecnologia e sair na frente", diz Sergio Marques, presidente da empresa.

Termelétrica vai dominar nova oferta – Folha de São Paulo – Dinheiro – 27/03/2010

O Brasil vai instalar 2,4 vezes mais termelétricas movidas a gás natural do que hidrelétricas até 2014. A previsão da Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica), segundo relatório mensal da instituição, é a de que o país terá 18,1 mil MW em potência instalada em térmicas (predominantemente a gás), enquanto conseguirá ativar hidrelétricas que somam um volume total de 7,49 mil MW no mesmo período. A situação poderá mudar a partir de 2015 se o governo federal obtiver sucesso no leilão da usina hidrelétrica de Belo Monte, a ser construída no rio Xingu, no município de Altamira (PA). A hidrelétrica, cujo leilão foi marcado pelo governo para o dia 20 de abril, terá 11,2 mil MW em potência instalada. A preocupação do setor elétrico, entretanto, não se esgota com o eventual sucesso no leilão da hidrelétrica e Belo Monte. O país precisa ampliar entre 2.500 a 3.000 MW a base instalada por ano, a depender do ritmo do PIB.

EUA tentam renovar tarifa sobre álcool de cana brasileiro – Folha de São Paulo – Dinheiro – 27/03/2010

Por meio da introdução de um projeto de lei bipartidário, a Câmara dos Representantes (deputados) dos EUA deu um passo importante nesta semana para renovar por cinco anos tanto as tarifas impostas ao álcool de cana de açúcar

importado do Brasil como os subsídios ao álcool americano, de milho. Com o apoio da indústria de combustíveis renováveis dos EUA, os deputados Earl Pomeroy (democrata de Dakota do Norte) e John Shimkus (republicano de Illinois) apresentaram o projeto -que tem 25 coautores- na última quinta. Com relação aos subsídios, a lei prorrogaria por cinco anos dois programas de restituição de impostos a produtores de álcool de milho comum e manteria por três anos um reembolso à produção do álcool celulósico. Os programas oferecem incentivos de US\$ 0,45 por galão (3,7 litros) de álcool para mistura à gasolina; US\$ 0,10 por galão para pequenos produtores; e US\$ 1,01 por galão a produtores de álcool celulósico. Já sobre a tarifa à importação, atualmente em US\$ 0,54 por galão, o projeto quer estendê-la por mais cinco anos. Produtores brasileiros tinham a esperança de baixar a tarifa para US\$ 0,45 por galão. Os subsídios ao álcool misturado à gasolina e a pequenos produtores expiram em 2010, assim como a tarifa à importação. Já o subsídio ao álcool celulósico vai até 2012.

Segundo os deputados, se os programas acabassem, isso custaria 112 mil empregos na indústria do álcool.

"Sem a tarifa, contribuintes americanos vão permitir que álcool estrangeiro subsidiado substitua empresas e trabalhadores dos EUA", afirmou Tom Buis, diretor-executivo do grupo Growth Energy.

"É irônico que o Congresso permita a entrada de petróleo de países hostis, mas esteja tentando punir a energia limpa do Brasil, um antigo aliado democrático", afirmou Joel Velasco, representante da Unica (União da Indústria Brasileira de Cana-de-Açúcar) nos EUA.

Os EUA produzem 12 bilhões de galões de álcool de milho por ano. O Brasil é o segundo maior produtor mundial, com 6 bilhões de galões de álcool de cana de açúcar, segundo dados da Unica. (ANDREA MURTA)

EUA criticam cultivo de cana no Brasil em relatório sobre direitos humanos – O Globo – Economia – 13/03/2010

Atividade é associada a trabalho escravo, infantil e à repressão de sindicatos Pouco mais de um mês de a Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (EPA, sigla em inglês) elogiar o etanol de cana-de-açúcar por suas baixas emissões de carbono, a produção canavieira no Brasil foi alvo de críticas do governo americano.

Relatório sobre direitos humanos divulgado esta semana pelo Departamento de Estado dos EUA associa as fazendas de cana brasileiras ao trabalho escravo, ao trabalho infantil e à repressão do movimento sindical.

Atividades como carvoaria e extração de óleo de palma também são relacionadas com as más condições de trabalho.

O anúncio coincide com a vitória do Brasil na Organização Mundial do Comércio (OMC), que autorizou o Brasil a aplicar sanções aos americanos por conta de subsídios ao algodão naquele país.

Esses incentivos prejudicaram exportações brasileiras.

Relatório cita ainda soja em Piauí e confecção em SP O Country Reports on Human Rights Practices 2009 — o relatório é divulgado todos os anos — abrange 194

países. No capítulo dedicado ao Brasil, o documento frisa que o conceito de trabalho escravo inclui também o trabalho extremamente árduo e executado em condições degradantes.

Esse tipo de trabalho, diz, “ocorre em muitos estados, mais comumente em atividades como limpeza de florestas para preparo para o pasto, carvoarias, pecuária e agricultura, especialmente o cultivo da cana”.

O relatório não cita nominalmente nenhuma empresa, mas faz referência a uma “lista suja” divulgada em dezembro de 2009 pelo Ministério de Trabalho brasileiro, na qual são listados 165 empregadores de 17 estados que usavam mão de obra em condições análogas às de trabalho escravo. Em um dos casos, lembra o relatório americano, “estava envolvido o maior produtor de cana-de-açúcar do mundo, o que gerou uma ação legal”.

Segundo o documento, em 141 operações realizadas pelo ministério no ano passado, foram libertados 3.571 trabalhadores de 324 propriedades. As indenizações chegaram a R\$ 5,6 milhões. A Organização Internacional do Trabalho estima que cerca de 25 mil pessoas trabalham em condições análogas às de escravos por ano.

O setor também é relacionado ao trabalho infantil. “Crianças foram envolvidas em produção pecuária, plantio de cana e na produção de cerâmica, tijolos, carvão, sisal e calçados”, diz um trecho do documento.

Em outra passagem do relatório, que trata da liberdade sindical, o Departamento de Estado relata que no dia 23 de agosto de 2009 dois homens mascarados atiraram e feriram Elio Neves, presidente da Federação dos Trabalhadores Assalariados do Estado de São Paulo, conhecido por representar os

interesses dos trabalhadores do setor de cana-de-açúcar em Ribeirão Bonito. “Até o fim do ano não havia nenhuma prisão”, enfatiza o relatório.

O documento cita ainda quatro casos “notáveis” de trabalho escravo no Brasil sem relação com a cana julgados em 2009: a condenação de 27 pessoas em Marabá (PA) que recrutavam pessoas para trabalho escravo; a prisão de um dono de uma confecção em São Paulo que facilitava a entrada ilegal de bolivianos para trabalhar em fábricas têxteis na cidade; a condenação do prefeito de Moju (PA) por manter trabalhadores em más condições na extração de óleo de palma e o caso de um fazendeiro de arroz e soja no Piauí. A violência policial no Rio de Janeiro também foi destacada no documento.

O governo brasileiro informou oficialmente à OMC que começará a retaliar os EUA a partir do dia 7 de abril, com alta de tarifas na importação de uma série de produtos, como resultado do contencioso do algodão.

A sanção, fixada por um ano, deve atingir US\$ 591 milhões na área de mercadorias. Outros US\$ 238 milhões serão impostos mais tarde nas áreas de patentes e serviços. A retaliação ainda pode ser suspensa até início de abril se houver acordo entre os dois governos.

O etanol e a diplomacia – André Amado – Valor Econômico – Opinião – 15/03/2010

Casas crescimento sem degradação ambiental é o desafio de países onde a poluição mais vexatória é a pobreza

A Agência de Proteção do Meio Ambiente dos Estados Unidos, EPA em inglês, na verdade o ministério do meio ambiente, acaba de conceder o status de "biocombustível avançado" ao etanol produzido da cana-de-açúcar, após reconhecer, com base em estudos científicos, que o produto reduz em 61% a emissão de gases de efeito estufa (GEE), na comparação com a gasolina.

A primeira economia do mundo está justificadamente preocupada com a mudança do clima que cada vez mais ameaça a qualidade de vida em nosso planeta. Sabemos todos que, sem energia, não há desenvolvimento, e que a produção e uso de energia e os processos industriais são os grandes emissores. O maior desafio de nossos tempos é, precisamente, tentar reverter a atual tendência de degradação ambiental, sem interromper o crescimento econômico em seu papel de oferta de emprego, sobretudo nos países em desenvolvimento, onde a poluição mais vexatória é a pobreza.

O Brasil tem muito a dizer sobre esse debate. Na década dos setenta, a resposta que demos à súbita elevação da conta-petróleo, quando o país importava cerca de 80% do combustível que consumia, veio sob a forma do Pro-Álcool. Com altos e baixos, governo, empresários e centros de pesquisa empenharam-se em desenvolver um combustível competitivo, o etanol de cana, que rapidamente se revelou produto de maior produtividade agrícola, maior eficiência energética, e mais inclusivo, já que os salários pagos na indústria sucroalcooleira se tornaram os mais altos no campo.

Por outro lado, a adoção do flex-fuel impulsionou o processo que hoje nos permite não só exibir a matriz energética mais limpa do mundo, com a participação de 46% de fontes renováveis, contra a média mundial de 13% e a dos países industrializados de 6%, mas também evitar, desde a criação do Pro-Álcool, a emissão de 850 milhões de toneladas de GEE na atmosfera. Como nota curiosa, cabe lembrar que o Brasil é, hoje, o único país do mundo em que a gasolina - e não o etanol - é o combustível alternativo.

O reconhecimento da EPA não nos surpreendeu, portanto, mas encheu-nos de satisfação. Vozes nos Estados Unidos e na Europa defendem a tese de que a produção de cana, pressionada pelo êxito do etanol, estaria deslocando a produção de outros alimentos, que, por sua vez, empurraria a pecuária para áreas extrativistas e, nesse bilhar que rotulavam de "efeitos indiretos da mudança do uso da terra" (ILUC, na sigla em inglês), terminaria desflorestando a vegetação original e, claro, no caso do

Brasil, a Amazônia. Trata-se de elemento crucial do debate atual sobre a sustentabilidade dos biocombustíveis. O anúncio da EPA mostra que o Brasil não é mais o único a afirmar que, mesmo com a possibilidade teórica do ILUC, o etanol de cana-de-açúcar reduz as emissões de GEE de forma significativa e consagra-o como aliado inestimável do combate à mudança do clima.

Marco do esforço de promoção do debate científico sobre os biocombustíveis foi a realização, em 19 de agosto de 2009, em Brasília, de encontro de especialistas brasileiros e norte-americanos, no quadro do "Memorando de Entendimento para Avançar a Cooperação em Biocombustíveis" entre Brasil e EUA. O evento contou com a presença de cerca de 50 especialistas em biocombustíveis de ambos os países, que debateram aspectos da nova legislação norte-americana. Com a ajuda dos Ministérios e agências de governo envolvidos no assunto; do setor privado, em particular a União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica); e da academia (UFRJ, Unicamp e USP, e o Instituto de Estudos de Comércio e Negociações Internacionais - Icone), demonstrou-se serenamente, entre outros, que a produção nacional de cana-de-açúcar se dá em áreas liberadas pelo aumento da produtividade da pecuária.

Em dezembro, como evento paralelo à Conferência em Copenhague sobre Mudanças Climáticas, o Itamaraty organizou, em parceria com os ministérios das Minas e Energia e Ciência e Tecnologia, e o INPE e a Unica, seminário para reiterar a contribuição do etanol de cana para a redução da emissão de GEE. Da cerimônia de abertura, participou a Sra Lisa Jackson, que, com a autoridade de quem chefia a EPA, afirmou - sinalizando, interpretaríamos mais tarde, a direção em que já se encaminhavam os estudos da Agência - estar claramente interessada no caso brasileiro.

O anúncio da EPA abriu imensas oportunidades no plano econômico-comercial. O Congresso norte-americano estabeleceu como meta que, em 2022, o consumo de energia do país terá de incluir 80 bilhões de litros de "biocombustíveis avançados". Desses, 15 bilhões poderão provir do etanol de cana. E hoje o Brasil exporta apenas 1,5 bilhões de litros do produto para os EUA.

Diferentemente de um poço de petróleo, não se bombeia cana-de-açúcar de acordo com as necessidades. Tem-se de preparar a terra, plantar a cana, colhê-la e transformá-la em etanol em uma usina que tarda cerca de 3 anos para tornar-se operativa. Apesar da recente crise financeira que paralisou os investimentos, empresários nacionais e estrangeiros decidiram apostar no etanol, antes mesmo do anúncio da EPA, como o ilustram as muitas joint-ventures e aquisições no setor, registradas nos últimos meses no Brasil.

Não é pouco, portanto, o que temos a celebrar, tanto mais porque, senão antes, a partir de agora o etanol brasileiro passa a ser reconhecido como a opção de combustível global mais competitiva e limpa. Isso reforça também os fundamentos da política brasileira na área de biocombustíveis em favor de muitos de nossos parceiros no mundo. Tempos atrás, quantos atalhos teríamos podido percorrer em nosso esforço de combater as desigualdades sociais e a pobreza, se os países desenvolvidos se tivessem disposto a compartilhar conosco os avanços tecnológicos que alcançaram? Agora, o Brasil está determinado a repassar a outros países em desenvolvimento o que

conseguimos dominar em termos de tecnologia do etanol de cana-de-açúcar, bem como de instalação, desenho do marco regulatório e gerência dos projetos no setor. Entendemos que a redução da conta petróleo, a produção local da matéria prima, a geração de bioeletricidade a partir do bagaço, a criação de empregos em sociedades carentes e a possibilidade de obter receita adicional com a exportação de excedentes de produção traduzem o sentido de missão da diplomacia que o Brasil vem praticando junto a países em desenvolvimento.

A publicação da decisão final positiva do governo norte-americano sobre o etanol brasileiro é a prova de que a conjugação de trabalho científico e empresarial sério com a atuação coordenada de Governo, setor privado e comunidade científica é receita imbatível. Tratou-se, por um lado, de esforço paradigmático de defesa dos interesses do Brasil no exterior, caracterizado pela cooperação entre instituições e setores interessados em prol de um objetivo comum. A ação coordenada foi fundamental para o reconhecimento da sustentabilidade do etanol produzido e consumido no País. Nos quase três anos de existência do Memorando de Entendimento, a estreita cooperação entre Brasil e EUA tem sido capaz de gerar resultados positivos no sentido de concretizar a visão compartilhada pelos dois maiores produtores e consumidores de biocombustíveis do mundo: a constituição de um mercado internacional para o etanol e o biodiesel.

André Amadoé subsecretário geral de Energia e Alta Tecnologia do Ministério das Relações Exteriores. Foi diretor do Instituto Rio Branco (1995-2001) e embaixador do Brasil no Peru (2001-2005) e no Japão (2005-2008).

Produção mundial deve dobrar ao longo deste ano, projeta AIE – Assis Moreira - Valor Econômico – Agronegócios – 15/03/2010

A Agência Internacional de Energia (AIE) projeta um aumento de mais de 100% na produção global de biocombustíveis em 2010. Desta oferta, uma fatia de 22,5% deverá ser produzida no Brasil. Se confirmada a projeção mundial, a produção chegará ao equivalente a 98 mil barris por dia para 204 mil. A brasileira, por sua vez, saltará para 45 mil barris por dia - 38 mil de etanol e 7 mil de biodiesel.

Para Michael Waldron, analista da AIE, com o fim do El Niño a produção de açúcar deverá aumentar, os preços deverão cair e os produtores voltarão a produzir mais etanol.

A projeção da agência sediada em Paris aponta crescimento de 45% na produção americana de etanol, feita basicamente a partir do milho e sob persistente pressão de outros países pelo impacto no comércio de alimentos. Na Europa, a expectativa é de avanço dos biocombustíveis puxado pelo etanol, mas que pelo biodiesel. (AM)

Estudo apoia o uso de etanol na Europa – Assis Moreira – Valor Econômico – Agronegócios – 26/03/2010

A União Europeia divulgou na quinta-feira os resultados de um estudo científico que apoia o uso de etanol na Europa, aponta a produção no Brasil como a mais eficiente do ponto de vista ambiental e sugere medidas de liberalização para permitir uma importação "considerável" do combustível brasileiro.

O estudo "Comércio mundial e impacto ambiental do mandato da UE sobre biocombustíveis" foi encomendado pelo bloco e preparado pelo International Food Policy Research Institute (IFPRI). O objetivo é atender às demandas do Parlamento europeu sobre os efeitos de uma mudança do uso indireto da terra na produção de biocombustíveis. O documento foi divulgado justamente pela área de comércio da UE, o que sinaliza que pelo menos parte da Comissão Europeia aprova a ideia.

O estudo apresenta diagnósticos positivos sobre os efeitos da redução de emissões com o uso do biocombustível de primeira geração, e sugere liberalização para o produto. Mostra que a mudança do uso indireto da terra de fato diminui os benefícios do corte de emissões, mas que isso não é uma ameaça à viabilidade ambiental da política da UE de elevar para 5,6% o uso de biocombustível no transporte até 2020, necessário para a meta de uso de 10% de energia renovável neste período.

"As conclusões sobre o impacto ambiental do etanol brasileiro são muito positivas", disse o embaixador do Brasil na UE, Ricardo Neiva Tavares. O documento dá ao etanol de cana um selo de eficiência ecológica semelhante ao da Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (EPA, sigla em inglês).

A importância do estudo aumenta tendo em vista que nos últimos três anos cresceu a desconfiança europeia sobre os impactos dos biocombustíveis na produção de alimentos, cuja alta de preços globais gerou grave crise entre 2007 e 2008. Estudos também apontaram impactos negativos do etanol sobre o uso indireto da terra, com suposta elevação do desmatamento sendo apontada como necessária para a expansão da produção, o que é negado por governo e empresas no Brasil.

Mas o novo estudo, considerado o mais sério dos quatro encomendados - e, portanto, com maior influência -, faz comparações e aponta o etanol brasileiro como o mais eficiente, capaz de reduzir em 71% as emissões de gases de efeito-estufa em relação aos combustíveis fósseis.

O cenário central para que a meta de utilização de 5,6% de biocombustíveis no transporte terrestre em 2020 na UE seja alcançada aponta um aumento do consumo de etanol e biodiesel de 17,8 milhões de toneladas nos 27 países-membros. No caso do biodiesel, a maior parte da produção virá da própria UE. Mas o grosso do etanol deverá ser brasileiro. Isso implica considerável incremento das importações, apesar das tarifas aplicadas por Bruxelas.

Se as tarifas forem abolidas, a expansão da produção para atender às metas da UE deverá demandar no Brasil entre 4,8 mil e 6,8 mil quilômetros quadrados a mais de terra, o que representa, no máximo, 0,77% das terras disponíveis no país.

O estudo calcula que das terras a serem utilizadas no Brasil para o avanço de etanol e biodiesel de soja visando atender à demanda europeia, 58% serão no Cerrado, 14% de pastagens, 15% de florestas primárias (Amazônia) e 12% de outras terras. Mas nota que o cenário é baseado no desmatamento passado, sem considerar a redução recente.

Há efeitos da mudança no uso indireto da terra por causa do mandato europeu, mas são minimizados. O uso indireto resultaria em emissões adicionais de 5,3 milhões de toneladas de CO₂. Mas a poupança de emissões com o uso de biocombustíveis é maior, de 18 milhões de toneladas. Ou seja, os biocombustíveis reduzem a emissão de quase 13 milhões de toneladas de carbono em 20 anos.

A UE alcançará esse resultado, diz o estudo, em razão da produção e do consumo que privilegiará o biocombustível mais eficiente - a partir da cana e do Brasil. O documento alerta para 'consideráveis incertezas' sobre impacto de critérios de sustentabilidade nos biocombustíveis. O papel da certificação e a emergência na diferenciação de biocombustíveis, culturas para a produção e preços da terra, baseados em conteúdo de carbono e respeito de sustentabilidade, ainda precisam de mais estudos.

Até os ruralistas da UE aprovam o etanol – Assis Moreira – Valor Econômico – Agronegócios – 30/03/2010

A poderosa central agrícola europeia Copa-Cogeca recebeu favoravelmente um novo estudo europeu que confirmou os reflexos positivos dos biocarburantes sobre a redução de gases de efeito-estufa. Apesar da chancela, o grupo insiste em garantir uma boa parte da produção aos próprios europeus.

O relatório do Instituto Internacional de Pesquisa sobre Políticas Alimentares (IFPRI), por encomenda da União Europeia, mostrou que o etanol de cana-de-açúcar do Brasil é o mais eficiente para reduzir as emissões - mesmo levando-se em conta os efeitos indiretos do uso da terra -, e projetou importações "consideráveis" procedentes do Brasil.

Em comunicado, a Copa-Cogeca destacou que os biocombustíveis reduzem as emissões, diminuem a dependência europeia do petróleo e "promovem o emprego nas áreas rurais".

A central identificou a expansão do consumo de biodiesel a partir de oleaginosas e de etanol a partir de cereais ou beterraba misturado à gasolina. E considera que a alta da demanda de matérias-primas agrícolas utilizada para produzir o biocarburante na UE até 2020 só necessita de um "leve" aumento da utilização de

terras aráveis, entre 0,07% e 0,08%. Ou seja, a política europeia na promoção de biodiesel e etanol não terá efeito significativo no uso da terra em escala global.

Mas, contrariando o relatório, o grupo sustenta que esse efeito será maior se a liberalização do comércio dos produtos aumentar - ou seja, quer manter a maior fatia para os biocombustíveis europeus, mesmo que a produção seja flagrantemente insuficiente para que a UE alcance suas metas.

A central agrícola europeia se apoia em pedir proteção, ainda mais no rastro de uma pesquisa da UE junto a 27 mil pessoas, divulgada ontem, que mostrou que os cidadãos europeus querem que o bloco gaste mais em subsídios para ajudar seus agricultores.

Os subsídios agrícolas na UE consomem 40% de um orçamento de US\$ 175 bilhões por ano. Um novo orçamento está para ser negociado para os próximos anos. A maior surpresa é que 40% dos britânicos, dados como liberais, defendem mais ajuda para os agricultores, ante apenas 25% dos franceses. A França é o país que mais recebe subsídios agrícolas na UE.

De seu lado, a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), que reúne usinas sobretudo do Centro-Sul do Brasil, acredita que a conclusão do relatório do IFPRI na defesa de um comércio mais aberto para os combustíveis renováveis permitirá que a política de biocombustíveis da Europa cumpra com seu comprometimento de reduzir as emissões de carbono no setor de transportes, principalmente porque o biocombustível mais eficiente em termos de redução de emissões será utilizado: o etanol de cana do Brasil, que reduz as emissões de gases de efeito-estufa em até 90% se comparado à gasolina.

Emmanuel Desplechin, representante-chefe da Unica na UE, ressalva que o estudo traz também imprecisões. Entre elas, o tipo de terra para a expansão da cana, que não levou em consideração o Zoneamento Agroecológico da cultura no Brasil, que previne a expansão de canaviais sobre qualquer tipo de vegetação nativa.

Desplechin nota que outro estudo publicado em 2008 pela Universidade de Wageningen, na Holanda, prevê que cerca de 62% da expansão da cana no Centro-Sul do Brasil ocorrerá principalmente sobre áreas de pastagem, enquanto 37,8% se dará em terras ocupadas por outras culturas.

Já a Copa-Cogeca ressaltou que o estudo divulgado pela UE é marcado por várias incertezas, diante do fosso entre dados disponíveis e ausência de validação concreta das análises. A central considera especialmente "irrealista" anunciar que os rendimentos europeus cairão 10%, em média, até o ano de 2020.